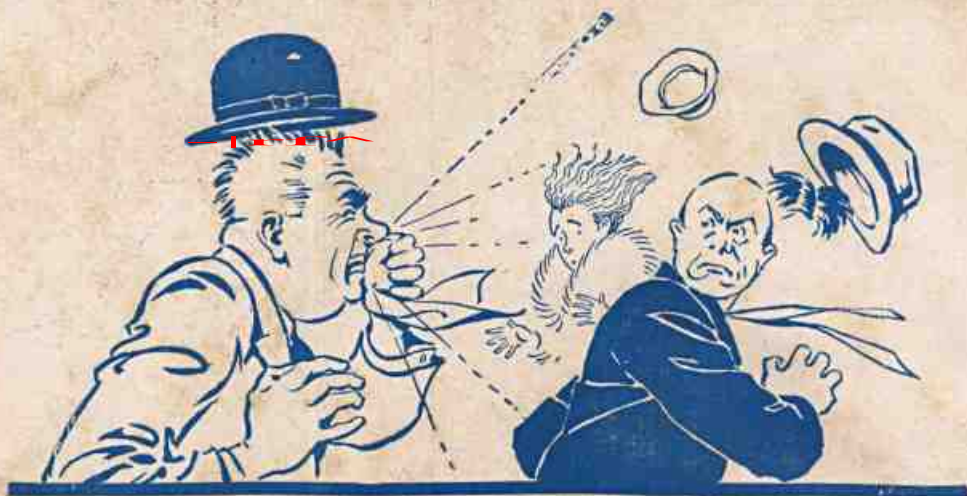
FON FON
ANNO XXVII — N.º 26
Rio, 1 de Julho de 1933
— PREÇO 1$000 —
MC.
933

Salve-se quem puder!

Qualquer resfriado, por mais leve que seja, é uma grave ameaça de doença, quer para quem o apanha, quer para os que deste se avisinham. Por isso, assim que apparecerem os primeiros symptomas de um resfriado, taes como calafrios, malestar, dôres de cabeça e no corpo, etc., tomem-se dois comprimidos de Instantina, repetindo-se a dóse com intervalos de tres a quatro horas. E se se quizer acclerar o efeito, tome-se, ao deitar, mais dois comprimidos, acompanhados de um chá ou de uma limonada quente.

INSTANTINA

corta os resfriados

O CONTO BRASILEIRO

ZÉ DA MATTA

De Regina Rizieri

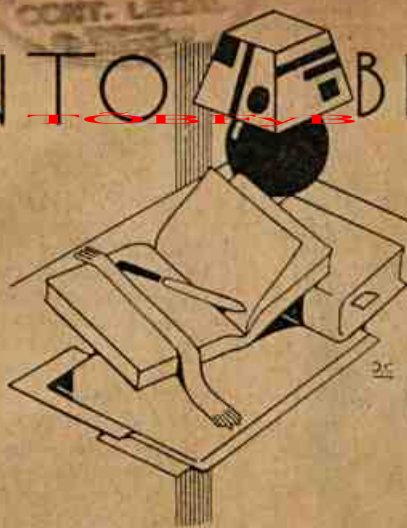
FOI por uma linda noite de estio, em que o luar punha scintillações de prata no casario branco.

Fortes perfumes sylvestres annunciavam o noivado da terra.

Pyrilampos lucilluzindo pareciam pequeninas lanternas magicas e o canto dos grillos e o coaxar das rãs, casando-se, vinham quebrar, por vezes, o silencio ambiente.

Sentado á soleira da cabana Zé da Matta, o caboclo mais valente e mais temido violeiro das cercanias, meditava fumando o cigarro de palha.

Aquella noite calma e luminosa enchia-o da saudade de uma outra noite igual, na fazenda de Nhô Juca, em dia de S. João. Era festa e havia muita alegria, muita gente, muita luz.

No grande terreiro illuminado por brasidos immensos e pequenas lanternas, em frente á casa da fazenda, entre duas fogueiras que a rapaziada pulava sob palmas das moças e onde assavam carás, batatas doces e loiras espigas de milho, estava a mesa bem posta.

Mais além, soltavam balões enormes e estoiravam foguetes de lagrimas multicôres. Era uma belleza de festa, dessas que enchem dagua a bôcca da gente e de saudade o coração.

Convidado para um "desafio", elle fôra tambem, para sua desgraça, pois, si vencêra na viola voltára vencido no amor. Rosinha, a mais bonita mestiça que Deus puzéra no mundo, com um simples olhar o havia subjugado. Desde essa noite era ella o seu unico pensamento, constante, continuo, obsedante.

Pobre Zé da Matta! E a linda cabocla não seria para elle nada mais que um sonho inattingivel, a felicidade que não chega nunca...

Aquelles cabellos negros e sedosos não tinham sido feitos para regalo de suas mãos, nem a boquinha em flor para o beijo de um matuto.

Ella ia ser de outro, o filho de Nhô Juca, que era moço da cidade, bem parecido e endinheirado e, pois, mais digno de sua mocidade bella e sadia. Elle, Zé da Matta, era tão pobre e tão rude

Por que não o fizéra Deus Nosso Senhor como o noivo da Rosinha? E sentindo uma tristeza profunda, uma saudade indizivel, deitou fóra o cigarro e ia pegar o violão, quando o éco trouxe a seus ouvidos o canto triste, pungente, que encheu de amargura a noite clara e a sua alma ingenua de matuto:

"Saudade é dó que machuca,
da ponta dos pé aos dente...
miasma brabo, damnado,
que acaba matando a gente"...

— Sua pintura se parece muito com a de Leonardo da Vinci.
— Oh! Não imaginas como me imitou por ahi!

REGIONAL

Vancê tem dentro dos óio
Labareda de fogão,
Faguia que assobe e desce,
Que de longe inté parece
Fogueira de São João!

Quando vancê fala, a fala
E' tão quebrada, é tão bamba
Que alembra as nota de musga,
Os bem-querê que dá rusga,
Chôro chorado no samba...

Seu caminhá — passu arisco —
Illumina quem lhe vê!
— Pontas de vidro nos cisco,
Os gerimun cum marisco,
Os sururú cum dendê.

Seu beijo é «comê» de «Santo»,
Aberem, acaragé,
Vatapá, feijão-de-leite,
Peixe miúdo no azeite,
— Fructo gostoso é vancê...

Quando lhe alembro se esquenta
Meu coração de alembrá,
Vancê é cumo pimenta
Cum limão, que a gente aguenta
Pra fingi que é sabiá...

Tou triste cumo a cidade
Ficou triste sem vancê...
— Meu coração não me engana
Elle diz que essa «Bahiana»
Não nasceu pra me querê...

EDUARDO TOURINHO

Ella. — Dize-me, amôrzinho... Si eu cozinhar para ti durante um mez, que me darás em troca?
Elle (aterrado). — Durante um mez?... Ganharás um véo de viuva e o meu seguro de vida...

A "prima donna" (durante o ensaio de "Othello"). — Gosto muito desta peça, mas não comprehendo por que me hão de estrangular no ultimo acto.
O director. — E eu não comprehendo por que não a estrangularam logo no primeiro.

QUANDO PASSA O AMOR...

JACK LARCY trabalhára como jornalista nos principaes orgãos da imprensa do paiz.

Aos dezeseis annos foi noticiarista social, depois chronista parlamentar, e chegou aos vinte e sete annos sustentando quasi só, com sua penna firme e brilhante, todas as columnas de *O Universal*, de que era director.

Por sua intelligencia poderosa, por seu bom caracter e por sua modestia sem igual, era estimado de todos. Talvez o que mais attrahisse fosse sua vaga tristeza, uma dessas tristezas que se agarram á alma dos homens quando a sua infancia não foi alegre e quando faltavam nella os brinquedos e os risos. Porque Jack ficou sem mãe e sem mimos desde muito pequeno. Agora morava com sua irmã Mary, em uma casinha fóra da cidade, adquirida com suas primeiras economias. Uma casinha pequena e bonita, uma quasi elegancia na localidade pobre onde estava situada, e onde chamavam a attenção as paredes brancas, as janelinhas verdes e as flôres que em nenhuma estação deixaram de dar colorido ao diminuto jardim.

Numa noite tempestuosa de inverno, quando a chuva e o frio açoitavam os transeuntes, Jack, ao regressar a casa, teve a pouca sorte de escorregar do trem e perder no desastre a perna direita.

Intervenção cir... longa convalescen... afinal, um homem... plena juventude... inutilizado, e prisi... para sempre nas b... paredes, atraz das... linhas verdes.

Quando Mary, n... dendo conter seu l... to sou suas lagrim... queixava da sorte... assim havia castig... irmão tão bom, elle... pondia, affavel e... so: "Para que afflig... Peor seria perder a... direita!"

E, na cama, na ca... de invalido, contin... trabalhando valorosa... te para *O Universal*.

O telephone era... grande amigo. Elle... transmittia as not... de toda a parte,... vida ia passando m... tona entre o trab... que o absorvia e a... gustia que mordia... silencio seu coraçã... homem joven e fort... quem a vida negava... dos os direitos.

Um dia, tocou o... phone...

— Quem é? — per... tou Jack.

— Sou eu — disse u... voz feminina, doce,... moniosa e alegre.

E disse "Sou eu"... mo quem houvesse d... "Sou a fada bôa dos c... tos infantis; sou a es... rança, sou a alegria,... a que póde transform... te; sou a mulher q... esperas."

E realmente ella... tudo isso para Jack, d... de aquelle momento...

METAMORPHOSE

Face tão branda, coração aberto,
Que outrora tive, que vos fez a vida?
— Curtiu-vos a inclemencia desabrida,
Cerrou-vos a aridez dêste deserto...

Cedo, a cruel verdade eis que desperto
E no labio o sorrir se me invalida:
Minha brandura por fraqueza é tida;
Julgam-me louco, em vez de franco, é certo...

De Mesec Tubac

O numero que, por engano, os pôz em communicação pela primeira vez, foi o que a desconhecida continuou utilizando dia após dia.

E foi para Jack, o solitario, esse chamado, o principal objectivo de sua existencia.

A desconhecida era coquette, mas era intelligente e tinha o privilegio, não commum nas mulheres, de ser uma renovadora do thema, uma seductora da palestra opportuna. E era sempre culta e sempre amavel.

Jack, por sua adolescencia triste, por sua escravidão ao trabalho, nunca se detivéra deante de mulher alguma. De resto, não se apaixonára, e não seria depois de seu accidente que o amôr poderia acariciál-o.

A desconhecida chegou a interessal-o. Achava-a superior, esquisita. Ella o encantava com a sua jovialidade e animação. Além disso, ajudava-o, com a simples ligação telephonica, a arrastar seus dias tristes e longos.

Apenas, de vez em quando, ella era breve em sua conversação, e esses dias eram negros e malditos para o jornalista, que não conseguiu nunca obter della o numero do telephone, nem mesmo o seu primeiro nome. Mas, como ella jurou ser fiel e constante ao chamado, elle não insistiu.

Estava certo de que ella não lhe tiraria a caridade nem o encanto de falar-lhe todos os dias.

A anonyma desconhecida era sua quasi noiva.

Amou-a profundamente, e esse amôr foi para elle como um sol. Julgou ter vivido sempre em sua casinha com as janellas verdes fechadas, e que, subitamente, em um dia de primavera, as houvesse aberto de par em par, e que o sol, entrando alli, tambem lhe houvesse penetrado na alma.

Mas, um dia, a desconhecida não chamou...

Jack esperou, primeiro confiante e paciente, com fé. Depois, com inquietude. Mais tarde, com sua idéa fixa. Os dias transcorreram um após outros. O invalido foi perdendo a esperança, foi perdendo a alegria que o vinculava á vida. Perdeu o somno em uma silenciosa madrugada, com a irritante solidão dentro e fóra do espirito. A's tontas, levantou-se, procurou sua muleta, chegou até sua mesa de trabalho e alli traçou, a lapis, fracas e tremulas letras: "Minha irmã: Perdôa-me!..." E, com uma bala, partiu o coração.

No dia seguinte, os jornaes deram a noticia...

Leu-a a seductora desconhecida?... E, lendoa-a, terá pensado um minuto que aquelle homem lhe fizera a ella a grandiosa homenagem de sua propria vida?...

Aberto coração, tão branda face,
Que tive em moço, porque vos mudasse,
Mudar-me inteiramente a mim devêra!

Assim não foi... Mas porque fraco ou louco
Não pareça, vou sendo, pouco a pouco,
Face de bronze, coração de cêra!

OTONIEL BELEZA

(Do livro "Aljôfares").

— E' verdade que a senhora do Pérez se occupa, agora, em restaurar quadros velhos?

— Sim, é verdade. E, neste momento, está trabalhando, mas usando o lapis de "rouge"...

O RAPTO

NAQUELLA manhã, o telephone me arrancou bruscamente do somno amavel em que estava mergulhado.

—...

— Sim, é de Eliseus 72-27 quem fala... Exactamente: é Jacques Vendier.

—...

— Sim, senhor: é elle mesmo.

—...

— Como! E's tu? E tão cêdo?... Estás por acaso enfermo?

—...

— Que dizes?... A Nice?... Disseste a Nice?...

—...

— Pelo trem numero 38?... Mas si já são oito e trinta!

—...

— Já sei, homem, já sei. Quando andas mettido numa coisa, esta deve ser interessante... Como dizes?... Mulheres, desapparecidas?... Bobagens!

—...

— Bem, bem... Ah! Dize-me uma coisa... De accordo com o costume, nos darão uma porcentagem sobre o que recuperemos?...

—...

— Não, homem! E' brincadeira. Como vou pensar em semelhante coisa!... Sim, sim: comprehendi... A's nove horas, na estação de Lyon.. Avisaste ao patrão?

—...

— Até logo.

* * *

O rápido numero 38, *Pullman Côte d'Azur*, sáe da estação á hora aproximada em que as pessôas que sabem viver collocam o começo da manhã: nove. Pude conseguir uma confortavel poltrona que olha no sentido da marcha do trem. Horroriza-me o ficar de costas para a locomotiva: em primeiro logar, porque é dar mostras de falta de educação para com alguem que toma trabalho em servir-nos; e depois porque, vendo vir a paizagem, em logar de contemplar como se afasta, se recebe com maior intensidade a impressão de que já se está longe, muito longe...

No vagão que occupo, viaja pouca gente. No outro extremo vejo um velho senhor calvo, que reiniciou nesse logar o somno interrompido por causa da madrugada que fez para alcançar o trem... E, não sei por que, parece-me têl-o visto já nalguma outra parte. Lyon... Marselha...

O senhor calvo continúa dormindo. Mas em compensação, no carro-restaurante se mostra bem desperto. E apenas suas mandibulas se interrompem um instante para passar-me a mostarda. E' um bom homem, embora um pouco egoista. E' noite, já... A costa... a costa, sob o luar, se offerece a minha vista... Que são essas luzes? Estrellas?... Pharóes?... Vêm e vão... Outros tambem vêm e vão... e continuam vindo e indo... Partir! Partir... O senhor velho dorme sempre. Seguirá para Nice? Não terá passado da estação onde devia descer? Olha sua bengala com punho de ouro... Olho-a, olho-a... e, por minha vez, adormeço.

Nice! Um *hall* igual ao que deixei ao partir. O senhor velho desappareceu. Deve ter um despertador na cabeça para dispôr dessa fórma de seu somno. Hotel Rivoli. Homens. Mulheres, mulheres, mulheres... Pelo que vejo, não raptaram todas: ainda restam algumas. Aposento numero 53: trinta e cinco francos por dia, inclusive banho. Não é muito caro. Hospedo-me. Logo que me ali me installo, o porteiro me traz um cartão: *Monsieur d'Arquillières*.

— D'Arquillières... D'Arquillières... Não, não o conheço...

Mas não importa. Mande-o entrar... Deve ser o senhor calvo do trem.

— Sou Bressac — disse, deante de meu espanto.

— E vens dizer-mo, pedaço de idiota? — replico, com a furia de meu amor proprio offendido. — Julgas que não te havia reconhecido?...

* * *

DA praia aos *courts* do Royal, ao longo das ruas sinuosas que se desenvolvem até Vieux-Bourg, á beira das estradas; por toda parte, a novidade deslisára como uma pequena chamma pela mecha de uma bomba. Trez banhistas haviam desapparecido... A noticia subira até o ultimo andar dos palacios. Percorrêra os caminhos arenosos do Cap. Entrára nos armazens. Invadira a estação. Crepitára ao longo dos fios telegraphicos. Fizéra tamborilarem os apparelhos Morse. E, em quatro horas apenas, invadira a costa inteira, desde Franche a Villers. Trez banhistas haviam desapparecido, sem dizer palavra, sem lançar um grito, sem deixar rastro, entre quarta-feira ás dez horas da manhã e sabbado á tarde. Desapparecido... de onde? Desapparecido... como?

O espanto do primeiro momento foi substituido pelo terror e depois pelo panico. Discutiu-se. Commentou-se. Nada se fez de positivo. O signal de interrogação fechava sua curva e a inquietude crescia como uma maré. Familias inteiras prepararam apressadamente o seu regresso. A emoção, trasbordando do publico, colheu em suas garras a autoridade. Não se tratava de uma fuga, mas de uma série de desapparecimentos, cujo mysterio fazia pensar no horror de um drama, no sangue de um crime...

As coisas tinham occorrido da seguinte fórma:

O primeiro caso se deu no "Astra". Podiam ser duas da tarde, e tudo estava tranquillo. No *hall* havia somente duas pessôas: Madame Ribes, que tomava conta do escriptorio, e Francis, o *groom*, que seguia com olhos evadidos o vôo das moscas. O telephone tocou, e o *groom* se precipitou para attendêl-o, ouvindo uma voz longinqua, que dizia:

— Desejava falar com Madame Gaulin, que occupa o aposento numero 16.

Francis bateu no quarto numero 16, mas ninguem respondia.

De Corlieu - Jouve

— Madame Gaulin sahiu por volta das oito — informou a camareira do andar.

— Madame Gaulin sahiu — repetiu Francis no apparelho.

A' meia noite, o interlocutor longinquo tornou a falar. E tambem ás quatro da manhã. Mas, nem á meia noite, nem ás quatro da manhã, Madame Gaulin attendeu. A's dez horas, um automovel depositou Monsieur Gaulin, escarlate de angustia, no *hall* do hotel, que se encheu, a principio, de seus lamentos, e depois de seu pranto. A ironia com que foram acolhidas suas demonstrações se transformou em assombro quando, do Hotel Astier, chegou ao "Astra" um rumor.

Tambem no Hotel Altier havia desapparecido uma dama: Mme. de Glizes.

Ao descer do auto que os conduzira alli, os senhores Glizes, pae e mãe, surprehendidos por não ter encontrado sua filha na estação, apesar de a terem recebido aviso de sua chegada, perguntaram por ella.

Mme. de Glizes estava ausente. Mme. de Glizes sahira na vespera, mais ou menos ás dez horas da noite, dirigindo ao "Myriam". Não havia regressado durante toda a noite. No "Myriam", onde a conheciam perfeitamente, ninguem vira Mme. de Glizes! No casino, tambem não.

No aposento, numero 16 do "Astral", como no appartamento numero 3 do "Altier", não se notava traço algum de desordem. Todas as coisas estavam em seu logar habitual; não havia nada de anormal.

Ao meio dia foram avisadas as autoridades policiaes. A's duas da tarde, houve um indicio... Um pescador da ponta do Cap veiu dizer que tinha visto Mme. de Glizes, a quem conhecia muito bem, afastar-se pela praia em companhia de um cavalheiro mysterioso. Pouco depois, um conductor de vehiculos de aluguel vém declarar que, ao regressar a sua casa assim por volta da meia noite, ouvira gritos de mulher no caminho de Pigoain.

A escuridão se tornava cada vez mais espêssa. Os commentarios redobravam seu furor...

Mas a emoção chegou ao cumulo quando se soube que em plena praia, entre as quatro e quatro e meia da tarde, Mlle. Muriel fóra tambem raptada.

Mlle. Muriel, depois de ter passado pela praça, se dirigira á agua, com duas de suas amigas, Mlle. Jackson e Mlle. Smith. Em seguida, depois de uma partida de *punching-ball*, regressára a sua cabine. Ao passar, dissera a Mlle. Temple, que estava deitada na areia, que ia até o "Teddy", um bar proximo.

— Tenho sêde — accrescentou.

Quando Mlle. Jackson e Mlle. Smith, mais ou menos dez minutos depois se dirigiram ao "Teddy" ali não haviam encontrado Mlle. Muriel. Esta não se encontrava tambem em seu automovel, estacionado alli perto, nem no hotel. Quem poderia dizer onde se encontrava Mlle. Muriel?

Varias senhoras de idade menearam a cabeça e deploraram a liberdade reinante numa época em que o rythmo de um tango tem valor de apresentação.

Mas tudo isso não passava de palavrorio vão. Mlle. Muriel permanecia incognita.

No emtanto, no hotel se descobriu uma pista. Jim, um rapaz do bar, declarou ter surprehendido Mlle. Muriel quando se afastava em companhia de um joven a quem elle vira no estabelecimento uma ou duas vezes apenas.

E como fazia somente trez quartos de hora que se déra isso, tinha que se admittir que Mlle. Muriel, para desapparecer tão rapidamente e eclypzar-se de tão estranha maneira, tomára assento num automovel parado não muito longe do bar.

De modo que, entre quarta-feira ás dez da manhã e aquelle dia ás quatro da tarde, trez mulheres jovens: Mme. Gaulin, Mme. de Glizes e Mlle. Muriel — trez mulheres jovens e muito bonitas, haviam desapparecido mysteriosamente, inexplicavelmente. Ao chegar a noite, o médo reinava na cidade.

Taes são os factos que consegui averiguar, durante minha investigação. A's duas da tarde, Bressac, meu companheiro na agencia de detectives onde ambos trabalhavamos, ainda não havia regressado. No emtanto, elle é um homem que não tem por hábito faltar aos encontros marcados... Telephono para a casa central. Não o viram mais desde que partiramos. Estou desconcertado. Aliás, foi elle quem me disse:

— Sigamos cada qual as pistas que encontremos. Amanhã, ás duas da tarde, nos communicaremos os resultados que tivermos obtido.

Sôa o telephone.

— Prompto!... Da delegacia?... Sim, sim... é Verdier que fala... O inspector Verdier, sim... Que está dizendo?...

— ...

— Bemdito seja Deus! Mas si é Bressac! Não é possivel, no emtanto... Sim, digo-lhe que sim: o inspector Bressac! E assegura que está?... Mas, como poude chegar a...? Não façam nada, absolutamente nada: dentro de um minuto ahi estarei.

* * *

UFF! Era Bressac, com effeito: o chapéo esmagado, a cara vermelha, as sobrancêlhas em fórma de escova o cabello assanhado, o collarinho sujo, fatigado, gottejante de suor...

— O auto — explica-me. — Sim, o auto em que fôra Mlle. Muriel... Está detido, em parte, a dois kilometros daqui.

— Então, descobriste o mysterio?

— Sim. E tu?

— Eu tambem.

— Estou prompto a escutar-te.

— E eu a ti...

— Não: fala tu primeiro. E's o mais moço...

— Bem, falarei eu... Mas no "Teddy" poderei fazêlo mais tranquillamente.

(Continúa na pag. seguinte)

O RAPTO

(Conclusão)

Tive que começar já que sou o mais moço.

— Conheces o castello do leproso?

— O castello de que?

— Do leproso.

— Não.

— Bem: ali está todo o fio da meada. Eu tambem encontrei o auto de Mlle. Muriel. Mas o verdadeiro, aquelle cujos rastros partem das immediações do "Teddy". Pertence ao velho louco de Jekkins, aquelle millionario que vive retirado no castello do leproso... Queres deixar de mastigar dessa fórma. Pões-me nervoso! Dizia que esse Jekkins tem um filho: um filho seu e de certa joven hindú. Esse filho é leproso. E seu pae o adora.

Bressac continúa mastigando com mais furia.

Comprehendo que minhas revelações o assombram, e prosigo, triumphante.

— O pobre rapaz possúe um temperamento amoroso extraordinario, a que não póde satisfazer por causa de sua enfermidade. Então o pae se dedica a sequestrar mulheres para o filho.

Bressac põe-se a rir.

— Que bárbaro! Onde soubeste tudo isso?

— Foi Gaulin, o marido, quem me contou. Recebeu um aviso... Eu estava com elle em Franche...

— Para transportar-te ao castello do leproso. Para ir visitar os escriptorios do Syndicato de Iniciativa, que vendeu o castello... Eu te vi.

— Viste-me?... Onde estavas?

— No Syndicato. Atropelaste-me para chegares antes de mim.

— De modo que tu eras aquelle idiota que...? Ora, Bressac!...

Outra vez meu amor proprio offendido se revolta.

— Eu te havia reconhecido.

— Sim, mas o bôbo foste tu! Gaulin te enganou em toda linha. Escreve o que te vou dictar:

"*Communicação á imprensa que deve apparecer na manhã de 26 de julho. — Estamos em condições de informar á nossa encantadora colonia a respeito da sorte das trez bellezas desapparecidas nas circumstancias que são do dominio publico. Tendo terminado o concurso-surpresa, podemos levantar o véo do mysterio. Para evitar o trabalhoso preparo que exige uma prova desse genero e para livrar-se das influencias que agem em torno dos juizes na hora de serem conferidos os premios nos concursos de belleza organizados da maneira corrente, um jury, secretamente designado por nós, escolheu em nossa praia as tres competidoras que lhe pareceram mais merecedoras do premio. Cada uma dellas foi, tambem secretamente, aos escriptorios do Syndicato de Iniciativas de Franche, onde, mediante o compromisso de permanecer "desapparecidas" durante quatro dias, receberam o automovel que constituia o premio a ser conferido ás victoriosas em nosso concurso. Nossos freguezes comprehenderão os motivos que nos levaram a adoptar uma innovação semelhante, já que...*"

— De maneira — interrompi-o — que, quando eu segui Gaulin...

— Sim: Gaulin sabia de tudo.

— E a historia do rapto do millionario Jekkins?...

— Um conto chinez.

— E o castello do leproso?...

— Não o comprehendes ainda? Trata-se de uma combinação preparada pelo Syndicato de Iniciativas, afim de fazer propaganda estrondosa e, sobretudo, pouco cara, dos estabelecimentos balnearios e dos hoteis...

— E as mulheres estão em Franche?

— Sim. Hontem á noite jantei com ellas.

Fiquei desapontado. Bressac o notou e accrescentou:

— Queres vir commigo até o hotel? Lá encontraremos Gaulin.

Olho-o e aperto os dentes.

— Vamos, sim, e já. Tenho uma vontade louca de vêl-o!

saibam todos...

MARTA (Pernambuco) — A resposta que devo a v. ex. é muito simples: não dou a minha opinião, a proposito de coisas de arte, a não ser quando os interessados m'a pedem directamente. Mas, no caso em apreço, eu me exhimo a esse mistér perigoso...

Particularmente, no emtanto, direi que, o facto de acceitarmos esta ou aquella innovação, em materia de arte, não quer dizer que essa innovação seja condemnavel ou digna de repulsão. O que exijo e reclamo é que essas innovações melhorem e suppérem aquillo que se propõe modificar ou destruir.

Noutros termos. Eu não me insurjo contra o modernismo em literatura. O que eu négo e combato são os desrespeitos, os ultrages, as caricaturas, as deformações, em summa, as cretinices que se commettem em nome do modernismo literario, das chamadas "renovações estheticas", dos "movimentos revolucionarios do espirito..."

Porque, como deve saber v. ex. — por ser uma intelligencia bonita — ha nas letras, como em sociedade, "almofadinhas" ridiculos e irresponsaveis, que nada crêam, mas tudo imitam, deturpando.

O confronto é justo e preciso. Vejamos. Aqui no Rio, appareceu uma innovação na indumentaria masculina. Exemplo: paletó curto e calça de bôcca larga.

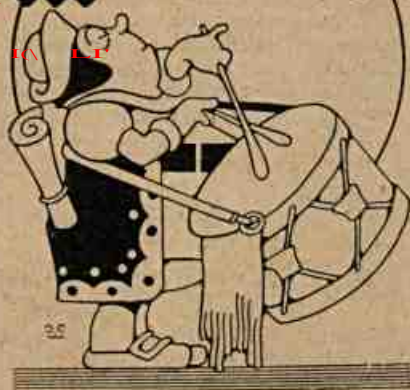
Os homens do bom tom acceitam a moda com discreção e sobriedade. De accôrdo com o figurino. Mas, os "almofadinhas", que fazem? Exageram tudo, imitando mal.

Correm ao alfaiate e mandam fazer um jaléco, pela cintura, em logar de paletó "apenas curto". A calça, elles a pedem com uma bôcca tão larga, como se fosse para vestil-a num elephante.

O mesmo se dá na literatura e nas outras artes em geral.

Uma informação: *hai-kai* é um genero de poesia japoneza, muito corrente no Japão. Corresponde, na linha classica, ao nosso soneto [illegible]sado e batido.

Apenas o que o caracteriza, é a synthese e a escolha dos motivos. Na poesia japoneza não ha arroubos passionaes, exaltações de ordem sentimental.

Quasi não se louva a mulher, como *leit-motiv* da poesia lyrica, á maneira do Occidente. Os motivos preferidos pelos poetas japonezes são os pantheisticos, os que provêem do contemplativismo, os que são aspirados pela natureza.

O *hai-kai* está para a poesia como o *esquisse*, o esboço, o estudo estão para a pintura.

Em tres ou quatro versos, os japonezes dizem um mundo de belleza, de emoção, ou pintam um *décor* maravilhoso, uma paizagem.

Escrevo ao correr da penna. No momento, não disponho de um livro de consultas, sobre o assumpto. Mas esforçar-me-ei para lhe dar um exemplo do que seja o *hai-kai*, uma imitação imperfeita. (Sim, porque eu não creio que um occidental consiga encerrar num *hai-kai* as subtilezas, os encantos, as coisas lindas que os japonezes põem nellas.)

Eis a tentativa de *hai-kai*, com a possivel "côr local":

Crepusculo rosa...
Cerejeiras em flôr...
Em baixo, no espelho de um
lago, a paizagem adormece...

E só. O japonez raramente põe a mulher e os seus amores no ambito de um *hai-kai*.

Até agora, só conheço um poeta occidental que foi capaz de realizar, com perfeição, um *hai-kai*: Guido da Verona. Aliás, sendo italiano, o creador de "La Vita comincia domani" escreveu em francez. Sem reclame, ou com ella: No meu romance "Uma garçonne carioca", falo sobre os *hai-kai*. Os *tankas* e as *utas* são outros generos de poesia japoneza, muito interessantes.

MIMO DA COSTA (?) — Caro escriptor. A sua carta, embora tenha um cunho accentuadamente confidencial, não deixa de interessar a esta secção. Eis por que ella apparece aqui na sua integra.

Lá vae, poeta:

"Yves. Saudações. Nesta terrivel indifferença com que é visto o intelectual, hodiernamente, principalmente no Brasil, onde ele, ás veses, recebe como elogio da sua inteligencia o amesquinhante epiteto de "idiota", é que venho de aparecer, não direi como intelectual, porque disto estou bastante distanciado, mas, como admirador ardente das letras.

Neste país onde a sombra da ignorancia é densa e formidavel, raro é o intelectual que, nos seus inicios literarios, não encontrou impecilhos, "impossiveis", e posso mesmo diser que, de um milheiro, um, apenas, sóbe verticalmente para a gloria, abraçado com a popularidade, sem nunca ter encontrado uma barreira, um cômoro siquer, no seu caminho glorificador.

E você, Ives, dar-me-á rasão, apoiará o que digo acerca do intelectual no Brasil, porque você mesmo já experimentou, já recebeu e continuará as vergastadas inclementes como premio da sua inteligencia, como admiração da sua arte, como glorificamento do seu estetismo pelo Bélo. Tenho absoluta certesa disso.

E' por isso, talvês, por essa ogerisa versada aos poucos intelectuais do país mór parte da população brasileira, que elles, os bisonhos sonhadores que visam a gloria no abraçar as letras se incitam cada vês mais, se revigoram, elles tecem as energias, dardejando reverberações do seu saber, para espantalho dos tarados.

Você é um desses titans modernos, que se bate, espadaneja, heroicamente, contra esse cosmo de quietude eterna, de ignorancia, de onde a todo momento catapultai-a pedras, á guisa de criticas, com que procuram lhe ferir. E é de ver-se como você se defende! E' de ver-se o seu estoicismo! E é de ver-se que um genio não se vence assim!

E' deante dessa sua impavicidade dessa sua resistencia titanica, que me servem de espelho, que, como admirador das letras, sorrindo indiferente aos epitetos ridiculos, me atrevo a surgir, humildemente, para a ribalta literaria, enviando-te um trabalho meu, para o seu julgamento. Dele dependerá o meu prosseguimento.

Não devo porém, prolongar mais esta "paulificante" carta, para não te roubar o tempo. Aguardo pelo "Saibam todos" o seu julgamento assim como, se merecedor, a publicação do meu trabalho.

Para resposta, poderá utilisar do pseudonymo de *Mimo da Costa*.

(Continúa na pag. seguinte)

Sem mais, daqui desta "porta de oiro do sertão" bahiano, como denominou Rui a minha cidade, espero continuar merecedor das suas attenções, — do amigo admirador".

Bem. Pelo que me toca — obrigado. Quanto ao seu trabalho, elle está um pouco forte. Mas, já o entreguei ao secretario para o devido exame.

De um modo geral, litterariamente, elle agrada. Está bem feito, como fórma. Como fundo — é como já declarei: "c'est trop fort!"

MARIA APPARECIDA (São Paulo) — Ora viva! E' por isso que gosto das paulistas! São decididas, resolutas, corajosas, conscientes do que valem! Quando querem — querem. Quando dizem sim — não ha possibilidade de faltar á sua palavra. São nobres, altivas, distinctas superiores pelos sentimentos, pela intelligencia, por tudo, emfim!

Dizem que até quando querem bem são capazes de um sacrificio por amor... Pelo menos tenho disso uma prova no soneto que v. ex. me envia e sobre o qual me pede a sua opinião... Demonstra que, no amor, é exaltada e corajosa!

Antes, porém, leiamos a missiva da illustre paulista. Dois pontos:

"Sr. Bastos Portella. Se é verdade que nós, paulistas, lhe merecemos algumas deferencias, desejo ardentemente experimenta-las...

E' preciso saber se uma das filhas do glorioso S. Paulo, a mais humilde talvez, goza ainda qualquer distincção.

O meu prestigio social me permitte collaborar em algumas revistas, mas, sou prudente, Yves...

Uma verdadeira paulista não envergonha a grande terra!

E' necessario antes, uma opinião (?)... imparcial e indifferente, sobre a minha capacidade litteraria.

Pelo soneto que lhe mando, quererá dizer-me, grande amigo de nossa gente, se eu tenho algum valor?

Não é publicação no *Fon-Fon*, não!... é juizo litterario.

Pode faze-lo? Gratissima. — *Maria Apparecida.*"

Depois de tudo isso, leio o seu soneto. E francamente: acho-o bem passavel. Si não é uma maravilha, prova, ao menos, que a sua autora é expontanea e pode realizar bellas paginas.

Parabens! E lembranças a essas paulistas bonitas dahi.

A. GUIMARÃES (?) — Meu caro poeta. O sr. é gentilissimo e, comquanto a sua carta não interesse aos leitores desta secção, é-me grato publicá-la, para que o

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

sr. se desabafe e possa eu reparar uma injustiça. Não sei porque motivo, eu o comparei a um papagaio pensador, affirmando, no emtanto, que o sr. era superior áquelle passaro, porque pensava e falava, ao passo que a ave só pensava e não falava...

O sr. não gostou da imagem e desabafou. Eis a sua missiva:

"Dr. Bastos Portella. Preclaro Amigo. Decididamente não me é dado permanecer em silencio por mais tempo.

Vi, pela sua critica dispensada á minha carta deliciosa de ingenuidade como assim a julgou, que tive a desventura de não lhe ser agradavel.

Deixo aqui as minhas desculpas, illustre escriptor.

Creia que não era meu intuito, aborrecer-lhe.

E poderá estar certo de que, quando lhe escrevi a primeira carta manifestando a minha admiração pelo seu talento, não visava outro objectivo senão o de lhe ser agradavel.

Com os favores da sua critica ou sem elles, V. S. mereceria da mesma fórma a minha admiração espontanea.

Era dispensavel, pois, que o insigne poeta se désse ao trabalho de narrar-me a historia do papagaio pensador, para concluir dizendo, com uma ironia deliciosamente amavel, que havia apenas uma differença entre mim e o passaro loquaz.

Creio que o sr. poderia ser mais razoavel.

A critica que proferiu contra mim, teria razão de ser si eu lhe houvesse melindrado na sua sensibilidade de poeta, offerecendo-lhe um soneto deploravel para ser julgado, não acha?

— Flôres, ainda que offertadas num ramalhete de espinhos, são sempre flôres. Não se deve recusal-as e muito menos desfolhal-as... com desprezo ou ironia.

Oxalá, possamos nos encon[...] um dia.

Seu admirador."

Perdão, caro poeta. *Mea culpa*. Errei quadradamente. O sr. não parece com um papagaio pensador. O sr. é tal qual um escrivão de pretoria: — pensa, fala e escreve muito...

Está bem assim?

MARIA F. ARAUJO (Rio Grande do Norte) — Sim, senhora, seu pedido será feito. Vamos publicar a bella imagem de S. Jo[...] cujo altar foi inaugurado na matriz da cidade de Curraes Novos.

E' só o que deseja de mim?

NÉSI DA LUZ (Capital) — Olá! Eu estava precisando de um poeta que fizesse a delicia das leitoras bonitas do "Saibam todos..." Ha[...] via de apparecer um, e um que [...] mesmo um poeta da "Luz". A[...] penso que o sr. ficaria bem com[...] funccionario da "Light and Po[...] wer"... ou da Inspectoria de Illu[...]minação...

Porque, afinal, o sr. é o poeta Nési da Luz, ou antes, o poeta da Luz, um "illuminado" poeta.

Escreve o sr., com todas as suas "luzes":

"Caro mestre: Ahi vai um traba[...]lho meu para você julgar, retocar si fôr preciso e possivel, e mandar para uma das páginas d[...] "Fon-Fon", ou... para a cêsta.

E é só.

Do admirador da sua intelligen[...]cia. — *Nési da Luz.*"

E agora vme a belleza do tr[...]balho:

FLORES DA VIDA

Néste jardim immenso, que é a vi[...]
lia, como nos jardins que tu [...]
[...]
Rosa, cravo, jasmim e margarid[...]
— Flores com as quais, crianças, [...]
[pareces [...]

Mas ha, também, espinhos pe[...]
[go[...]
Que ferem quando a gente exten[...]
[a m[...]
Sem se lembrar de espinhos a[...]
[vos[...]
Para colher a rosa inda em botão

Previne-te, pois, sempre que [...]
[ther[...]
Glórias — as rosas do jardim [...]
[vida[...]
Para que, no momento de co[...]
[...]
O vôo da inteligência decida[...]

O orgulho, que o saber desvalori[...]
Não atinja tua alma doutoral.
Colhe flores do gênio, mas, p[...]
[quis[...]
A flor de maior preço é a da mora[...]

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-9706

FON-FON — 1-7-933

Data da consulta...........

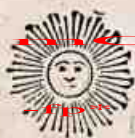
Nome do consulente...........

....

Notas de ARTE

COMPANHIA DRAMATICA BRASILEIRA — JAYME COSTA. — 6ª e ultima recita de assignatura, representou a C. D. B. J. C. no T. M., em a noite de 22 de junho, a comedia — O outro amor — do pranteado actor brasileiro Leopoldo Fróes, um dos maiores interpretes da scena dramatica no Brasil.

Filha e neta de militares, surgida numa familia em que imperava soberanamente sobre homens e mulheres a fascinação da farda, Luizinha (Lygia Sarmento) vae casar com o dr. Alberto (Armando Rosas), o moço engenheiro que encontrou de novo na pequenina villa em que ella morava com os avós, d. Florinda(Italia Fausta), mulher de poucas letras mas honesta e boa, e o "seu" Isidoro (Jayme Costa), velho barbeiro, portuguez, que só falava na guerra mundial e maldizia do Kaiser e asseclas a cada freguez que lhe vinha fazer a barba, como o pharmaceutico Esteves (Aurelio Corrêa), o vigario Venancio (Alvaro de Souza) e o bacharel Narciso (Barbosa Junior). Mas eis que apparece o tenente Roberto (Mario Sallaberry), joven e garboso militar, e fal-a esquecer Alberto. Lutando entre o dever de cumprir a palavra dada ao noivo e a paixão que a empolga pelo tenente, Luizinha confessa tudo á avó e procura convencêl-a que é preciso se entenda ella, Luizinha, com Roberto, no momento em que vae este deixar a villa sem ter havido entre elles compromisso formal, e rompe o noivado, porque a sua honestidade não lhe permitte casar-se com quem não ama, e muito menos trahir o marido. Dá-se o encontro. E uma bomba explode: Roberto é casado. Não lh'o diz, mas entrega-lhe uma carta onde confessa a sua situação. Florinda lê a carta e o vigario tambem, por tel-a encontrada amarfanhada no chão em que a atirara o desespero da moça desilludida, queimando-a em seguida. Deante do irremediavel, celebra-se o casamento. Alberto e Luizinha transportam para a casa os avós e vivem vida pacata e feliz. Passa-se o tempo, pouco mais de um anno, e Alberto, conceituado e rico, arma uma viagem á Europa. Luizinha teima em não acompanhal-o para não abandonar os avós. São inuteis os esforços de Alberto, Florinda, Isidoro e do padre Venancio para convencel-a do contrario, esforços que recrudescem quando se sabe vae voltar á villa o tenente Roberto e será hospedado — de accordo com a vontade de Isidoro, que ignora o outro amor de Luizinha, — na propria casa da antiga apaixonada de Roberto. Venancio e Florinda tremem pela honra da joven esposa. Esta, sabendo afinal da volta de Roberto e evocando e comparando o amor do namorado e o amor do marido, procura enfrentar o perigo, diz ser bastante honesta para o não temer. Fica. Estará na mesma casa com Roberto, e com o marido ausente. Saberá cumprir o dever; lembrem-se de que é neta de Florinda. Mas nisto ouve-se a musica militar, a mesma musica de dois annos antes. Luizinha recorda-se, commove-se, sente que será difficil resistir. E, numa resolução subita e inabalavel, corre para o marido, que já se despede, e declara-lhe que o acompanha, que partirá com elle para a Europa. Era a neta de Florinda, a mulher honesta que vencia...

A comedia de Leopoldo Fróes é das poucas em que a vida se idealiza sem o proposito de exaggerar, para condemnar ou applaudir, os vicios sociaes, nem tão pouco com o objectivo de pregar moral através de personagens artificialmente construidos para que a virtude saia vencedora do vicio. São-lhe os personagens todos typos representativos da mediania da natureza humana, com as suas bôas e as suas más qualidades. A propria

conducta de Luizinha fugindo ao peccado e ao crime, resulta espontanea da sua natureza, capaz da leviandade de um noivado precipitado, mas incapaz de trahir; pode ser noiva leviana, mas nunca mulher adultera. De sorte que o desfecho da intriga é edificante, sem que haja nenhum proposito de edificação. E' moral sem a intenção de ser lição de moral. Dahi o valor da comedia.

Foi das melhores da Comedia Brasileira a interpretação de *O outro amor*. Todos, absolutamente todos, representaram muito bem as personagens. Mas, dada a jerarchia dos papeis, é de justiça proclamar a perfeita comprehensão por Jayme Costa do typo que encarnou. Conseguiu plenamente afastar a sua para só corporificar a personalidade de Isidoro. Pareceu-nos a maior creação de J. C. nesta temporada. Assignalemos mais a comicidade esfusiante de Barbosa Junior, na figura de Narciso, o badharel vadio e mulherengo; o pernosticismo hilariante de Ferreira Maia no typo de sacristão-copeiro. Afinal, em ultimo lugar, para observar a hierarchia evangelica, em que os ultimos são os primeiros, Italia Fausta e Lygia Sarmento, que viveram com o costumado primor as duas figuras femininas de Florinda e Luizinha.

Registremos ainda uma vez a impeccabilidade plastica e verbal de Lygia Sarmento, que não esquece uma attitude, não claudica nos gestos, não altera uma inflexão, não troca uma palavra. Ademais, sabe ouvir como poucas. Suas scenas mudas têm a eloquencia do verbo.

Balanceando as qualidades e os defeitos da temporada, o saldo é todo favoravel. Tanto pelos autores como pelos interpretes, a Comedia Brasileira mostrou que o Brasil pode ter, ou, melhor, já tem theatro.

ORPHEÃO DE PROFESSORES — Em a noite de 23 de junho, realizou-se no T. M. o 4º concerto do Orpheão de Professores, o já notavel côro a secco, dirigido pelo maestro Villa Lobos, sendo executado este programma: I) a — Orlando di Lasso (1520-1594). — *Intellectum tibi dedo*; b — Tomaso Ludovicz da Vittoria (1540-1613) — *El incarnatus est*; c — G. B. Pergolesi (1718-1736) — *Stabat Mater* (fragmento); d — *Teirú* n. 9, trecho incognito dos Indios Parecis, recolhido por H. Roquette Pinto; — II) H. Oswaldo — *Missa de Requiem*; III — J. S. Bach (1685-1750) — a — *Fuga* n. 8, b — *Fuga* n. 1; IV) R. Schumann (1810-1856) — *Rêverie* (côro mixto); V) J. Brahms (1833-1897) — (côros religiosos) a — *O Bone Jesu*, b — *Adoramus*; VI) Lucilia Guimarães (Mme. Villa Lobos) — *Hymno ao Sol do Brasil* (Canone a 2 vozes — Côro mixto duplo); VII) Armando Leça — *Sinos* (côro mixto duplo); VIII) a — Lorenzo Fernandez — *Marcha Triumphal* (côro feminino), b — A. Nepomuceno — *Invocação á Cruz*; IX) Borro — *Prologo* da op. "Mephistofle" (arranjo de V. L.).

A ondulação permanente da sereia...

A não ser certo e accentuado desequilibrio entre o *Dies orae* e o *Sanctus*, e no *Libera me* da *Missa de Requiem*, e ainda na *Fuga* n. 1, não notamos defeito que nos chamasse a attenção. Ao contrario, além dos primores que nos impressionaram em todos os numeros, assignalamos a forte emoção que nos produziu *Teirú*, onde se destacaram os empolgantes pianissimos do quartetto de sopranos formado pelas sras. Lucilia Guimarães Villa Lobos, Maria Augusta Moreira, Jandyra Lima Coutinho e Noemia Montes Fernandes; e a excepcional audição da *Revêrie* de Schumann, côro de bocca fechada, que attingiu a um alto grão de belleza. Foi o mais bello numero da noite. Devia ter sido bisado e rebisado. Nunca a *Revêrie* de Schumann nos agradou tanto. Cada bocca era um *stradivarius* a cantar sob os dedos de um violinista magico, escondido dentro do coração de cada interprete. Bellissimo!...

Ouvindo com muita attenção todos os numeros, notámos se destacavam certas vozes, pela extensão e pelo volume. Taes a da soprano sra. Eulalia Tavares e a do baixo sr. Joaquim Duarte, alem de outras cujos nomes não conseguimos identificar.

Soube o auditorio, que não era pequeno, comprehender e applaudir o empolgante orgão de vozes que é o Orpheão de Professores e o seu magistral regente, m.º Villa Lobos.

Oscar d'Alva

CANTICO DOS CANTICOS

Amo-te, meu amor, desde aquelle momento
feliz em que te vi deante de mim sorrindo
e em que senti, feliz, no coração florindo
uma alegria nova e um novo sentimento...

Mas, para te dizer tudo o que sinto e quero
dizer-te, eu não encontro expressão para tal.
— E' que nunca se diz, quando o amor é sincero,
o que se sente... E o que se diz sempre é banal...

Eu sei que sinto em mim numa dôce expressão
a primavera abrindo em Sonho, em flôr, e em fructos...
— Sinto o luar da emoção pelos meus versos brutos
e sinto o sol do amor dentro do coração...

Sinto que o teu amor me purifica a vida,
ordena-me a emoção, diviniza o meu Sonho,
e faz-me, eu que era triste e pobre, mais risonho
e mais rico, porque me pertences, querida...

Penso em tudo o que é bom e em que nunca pensei
na meninice e, até então, na mocidade...

Amiga Ia. — Ganhaste jogando no 18, que é a tua idade. Pois eu jogarei, agora, na minha.
Amiga IIa. — Lembra-te, porem, de que a roleta só marca até 36.

Hoje acredito, pois, no que hontem duvidei:
na ventura, no Bem e na Felicidade...

Acredito por ti, porque vives, agora,
dentro do meu olhar, que o teu olhar inflamma,
— numa fulguração deslumbrante de aurora...
— num tumulo de luz de crepusculo em chamma...

Vives na minha vida a vida que domino,
palpitante e febril de desejo e de Espirito...
— Amor, feito de amor, nunca será illicito;
de Sonho, feito o amor, será sempre divino...

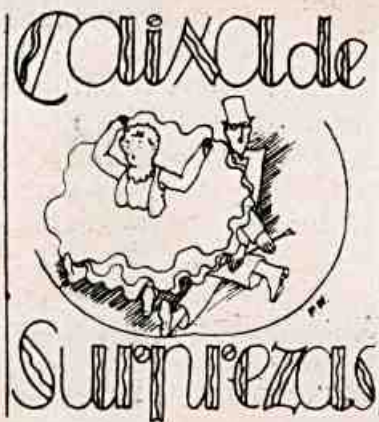
E para que este amor, tão lindo, eternamente
perdure, em nosso peito, eternamente, more,
é preciso — vê bem que a doutrina é eloquente —
que na tristeza cante, e na alegria chóre...

Assim, iremos nós pela vida, seguindo,
numa felicidade, a mesma directriz:
— Tu, feliz, por me ver, ao teu lado, sorrindo...
— eu, feliz, por te ver, ao meu lado, feliz...

STENIO DE SÁ

(Do "Jardim de Caricias")

A esposa (entristecida). — Quando éramos recem-casados comiamos fóra...
O marido. — Sim, querida, mas a tua maneira de cozinhar mudou consideravelmente.

A LENDA AMOROSA DE MATHILDE KSHESINSKA. — Narram os commentadores do imperio de Nicolau II que não houve, no mundo, nenhuma mulher capaz de exercer maior influencia no animo do desventurado monarcha como a bailarina da opera russa Mathilde Kshesinska, que elle conheceu quando ainda principe herdeiro do throno. Viu-a, uma noite, bailar; amou-a e, em poucos dias, eram intimos a ponto de lhe offerecer luxuosa installação em uma magnifica

"villa" dos suburbios da metropole russa.

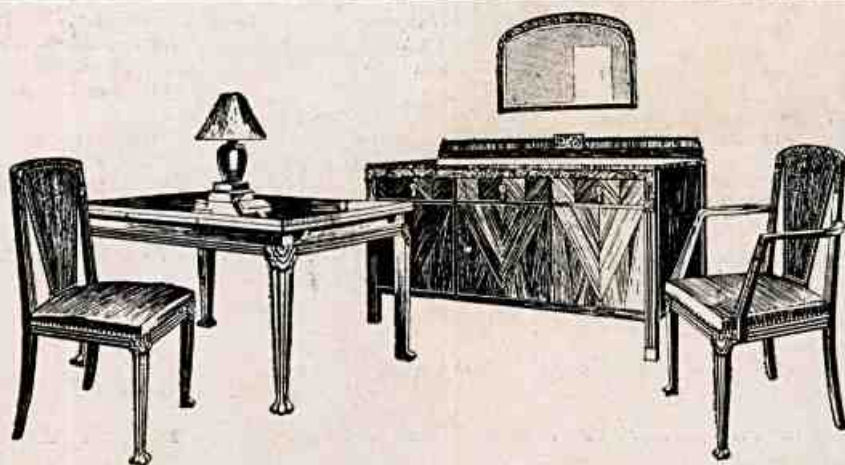
Amigos intimos do czar Nicolau affirmam que este chegou a solicitar de seu pae que designasse para herdeiro do throno seu irmão mais novo, pois elle desejava recolher-se á vida privada com Mathilde. O velho czar, porem, ordenou-lhe que se casasse com uma princeza real, para assegurar a successão do throno, e, dentro de pouco, annunciava-se o seu noivado official com a princeza Alice de Hesse.

Dá-se, então, a morte brusca, inesperada, do czar Alexandre

ESQUECIMENTO

POSITIVAMENTE, o ex-deputado Pantaleão Simplicio soffreu hontem um grande susto.

O caso foi que, ao recolher-se á casa, após a labuta diaria, o homenzinho teve, por parte da esposa — a caprichosa e ainda elegante senhora que conta os anniversarios apenasmnete de cinco em cinco annos — uma recepção desagradavel e bastante original.

Ainda não retirára da cabeça o seu chapéo de côco anti-diluviano e já era abordado pela sua excellentissima cara metade, a qual, depois de vêr as mãos vazias de seu esposo, se pôz a revistar todos os bolsos do pachorrento Pantaleão Simplicio, que, ingenuamente boquiaberto, perdeu até o uso da fala. Nada escapou á busca meticulosa da caprichosa senhora. Calça, collete e paletó foram cuidadosamente esquadrinhados. Certa, afinal, de não encontrar o que desejava, *madame* Pantaleão rompeu em soluços cortantes, que puzeram em pé os pouquissimos fios de cabello que se esforçam por disfarçar a calvicie do ex-deputado... Emfim, voltando-lhe a fala, elle arriscou:

e vinte e cinco dias depois casava-se Nicolau com a princeza allemã.

Suas relações com Mathilde não se interromperam; interessava-se por sua carreira artistica e as representações de Mathilde eram coroadas de exito estrondoso.

A ultima vez que ella appareceu em publico foi por occasião da visita que Poincaré fez á côrte russa. Recebeu, então 50.000 rublos e um diamante que lhe presenteou o czar.

Durante a guerra, Mathilde levou uma vida de aventuras.

Quando rebentou a revolução bolshevista de 1912, uma multidão desenfreada assaltou o palacio da bailarina, despojando-a de suas joias e vestidos e fazendo-a alvo de insultos e violentas arremetidas.

Mathilde não offereceu qualquer resistencia e, com admiravel tacto e sangue frio, entrou em entendimento com os assaltantes. A isso ficou devendo sua salvação naquelle momento.

Depois, chegou a ter grande ascendencia sobre Lenine e a maior parte de suas joias e bens lhe foi restituida.

O grão-duque André, primo do czar, affeiçoou-se muito a Mathilde antes da revolução. Sua conducta, durante a desgraça desta, quando de tudo a despojou o bolchevismo, commoveu a dançarina que a elle tambem se affeiçoou. Juntos conseguiram fugir da Russia e casaram-se na França. Passaram a maior parte de sua vida em Nice, mas chegaram a ser muito conhecidos nos circulos sociaes de Paris.

IMPERDOAVEL

— Mas, queridinha...

Madame ergueu-se irada. Sua vóz sibilou, ironica e mordáz:

— Ora, cale-se, por favor, homem desnaturado!... Já não se lembra mais do pedido que lhe fiz hoje pela manhã, não é?... E é assim que diz estimar-me?... Saiba o senhor que não passa de um grande fingido, de um grandissimo hypocrita! Faz-me sempre passar vergonhas pelo prazer de se mostrar sovina. Que dirão as minhas amiguinhas, possuidoras de maridos carinhosos, que satisfazem aos seus menores desejos?... D. Milóca, d. Nenem, d. Etelvina e até a pernóstica da filha de Georgina hão de se rir de mim. As minhas amigas são mulheres felizes... Não se casaram com nenhum Pantaleão Simplicio... O senhor fica ahi com essa cara de pasmo, a olhar para mim como si eu fosse algum animal raro... Eu não sou bicho, ouviu, sr. Pantaleão?... Eu não sou bicho!...

O pobre Pantaleão mandava aos diabos o genio da esposa, os maridos das 'amiguinhas' de sua mulher e o pedido que ella esquecêra e que não conseguia relembrar qual era. Ensaiou uma evasiva:

— Queridinha, eu não sei...

— Bá, bá... o senhor não sabe coisissima alguma!... O senhor se esquece de tudo, até mesmo de que é um ignorante!... Saiba o senhor que tambem me esqueci de mandar preparar o jantar... Esqueça-se, agora, de que ainda não jantou...

Pantaleão Simplicio, desanimado, deixou cahir o volumoso corpo sobre uma poltrona proxima, jurando que não tinha a menor culpa do que estava acontecendo. E só comprehendeu a origem do desespero de *madame*, quando ella, á guisa de despedida, berrou-lhe aos ouvidos:

— E lembre-se de que continuará sem jantar, emquanto não me trouxer o Yô-Yô que lhe pedi... Isto eu juro...

AVELINO DUARTE

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 28

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 11 de Julho de 1933

SAUDADE

VAMOS conversar... Dentro da tarde cinza, sob a luz macia do *abat-jour*, deixo cahir das mãos o livro que me fazia companhia ha duas longas horas deliciosas, para palestrar.

E' que recebi, neste instante, a visita de um amigo, (como é doce a imaginação!) e elle está ao lado, louco por uma confidencia. Eu sei... Lá, muito distante, ficou a silhueta de uma mulher, e a saudade reclama a sua presença aqui, onde estamos entre quatro paredes brancas. O meu amigo é quem falla. Eu o escuto em silencio. Uma historia filha do acaso, e, por isso mesmo, com o sabor dos fructos prohibidos...

Impossivel precisar como a historia principiou, mas, o fim não se esquece nunca. O claro sorriso de uma creatura angelica, um olhar de velludo... Para que dizer o resto? Mas, curioso, fórço o amigo a uma excursão ao passado... Elle continúa:

— Installámo-nos no ultimo andar, bem perto do céu, para a esplendida apotheose da nossa mocidade! No relogio do tempo, as horas eram azúes. Escoavam-se lentamente. Preguiçosamente. Como era bom viver a Vida! De repente, chegou o instante da separação. Não era possivel prolongar aquelle poema de amôr, por uma fatalidade explicavel, mas que a prudencia manda callar.

Veiu a hora da partida e desfez-se a illusão. Ninguem foge ao seu destino, é certo. Cada qual para o seu lado, para o outro lado da vida. *Ella* tomou rumo ignorado, e o meu amigo aqui está, incognito, narrando-me a sua historia, que é triste porque é a de um amôr que não morreu. Uma carne que palpita em outra carne! O grito desesperado, o anseio crescente de posse, a tortura, o delirio da alma que se debate no vazio de uma tarde cinza, propicia a recordações...

Um vulto de mulher, na esteira da saudade, é a tragedia viva que não esgota o nosso pranto.

A visão interior dilúe-se, a rêde dos nervos céde, o homem se acovarda. Eu comprehendo perfeitamente a situação do meu amigo. A luz do *abat-jour* bate-lhe em cheio, avivando os sulcos do rosto macilento. Elle mais se afunda na poltrona, desalentado. Offereço-lhe um *cock-tail*. Não responde.

Era chegado o fim da nossa palestra, dentro da tarde cinza.

Corri os *stores* e fugi para não perturbar o meu amigo no encontro que certamente ia ter, em sonho... Por que tambem, ás vezes, sonhar é uma felicidade...

MARIO POPPE

FOGUEIRAS E BALÕES

NO céu estrellado, dentro da noite fria, cabriolavam balões...

Cabriolavam balões de cores vivas, zeros luminosos tangidos pelo vento, ora numa ascenção desvairada, ora numa queda gloriosa nos braços sofregos e alegres dos garotos...

Nas ruas estreitas, ingremes, mal calçadas, "espadas" e "buscapés" cruzavam torrentes luminosas em duellos pyrotechnicos que assustavam a pacatez dos bairros familiares, sempre adormecidos, — mas somnambulos, mal despertos, á vigilia ignea da luminosa noite de São João...

"—Accorda, João!..."

Das janellas e portaes das casas abarracadas, ao velho gosto colonial, crianças contentes, queimavam "craveiros" e "pistolas", caixas de bichas, "rodinhas, "carretilhas"..

Nos salões da burguezia abriam-se "sortes", jogavam-se "prendas" e liam-se "disparates"..

E os écos repetiam á noite fria e luminosa, "Accorda, João!..."

A bôa matrona — mamãs e vovós daquelles tempos — occupando um tamborete junto a grandes tachos de cobre ardendo sobre o brazeiro vivo, remexia a cangica de milho verde, perfumada de cravo e canella, a que a agua de flor e o leite de côco emprestam delicioso sabor... A cangica constituia uma prova de alta competencia domestica, de maestria culinaria. Tornava-se quasi transparente como uma folha de papel de sêda e obtinha uma consistencia de gelatina, dançando nos pratos de porcellana uma dança indigena de quebra-quebrando...

—"Accorda, João!" — vozes gritavam fóra...

Nos largos terreiros, em frente ás portadas das casas quadradas de Itapagipe, do Canella, do Rio Vermelho, ardiam, rubras, festivas, doiradas, estrepitosas, *fogueiras* bizarras, construidas de tóros encruzados, que queimavam vagarosamente, — consummindo-se, — durante a noite fria e estrellada, em honra do Baptista...

Em torno ás *fogueiras*, garrulas e ingenuas, crentes e esperançosas, moçoilas em bando realizavam passes de inconsciente magia branca, descobrindo sortilegios em ovos partidos, cortando cachos da cabelleira ao transporem o brazeiro num passo para a Felicidade...

—"Accorda, João..."

Na penumbra da minha memoria, esfuma-se este quadro singelo e doce de um tempo que passou na terra em que nasci.

Meu coração — como o coração de Turgueneff escutando no bulicio cosmopolita de Paris a dolencia barbara das canções russas que embalaram o berço em que dormiu, — evoca, na distancia e na ausencia, ai! tão longas! a graça selvagem das toadas dos violeiros:

"*Ai que sôdade das cabôca, quando dansa*
Enrolando as duas trança
E entrançando os coração!
E em S. João tudo dansando, tão faceira!
Mio assado na fogueira
Pondo a gente bestaião..."

Suavissimo debucho do São João da Bahia no limiar da primeira decada do primeiro quartel do seculo.

Eduardo Tourinho

Rendas de espuma

VELHOS TEMPOS

O escriptor pernambucano Fernando Pio me envia, de nossa terra, (minha e delle) uma pagina de evocação do Recife de antanho.

Nella, o romancista revive velhos costumes e tradições que adormecem no fundo do Passado, sob a poeira quieta dos annos. E, a certa altura, depois de exhumar esses hábitos da velha Veneza Americana, Pio insinúa, á margem de um cartão: "E quando encontrar o Adelmar (o Adelmar Tavares) e o Olegario (é o Mariano, das "Cigarras") pergunte-lhes si elles não fôram molequinhos de frente de musica".

Refére-se o escriptor á tradição capoeira da bella Mauricéa, a qual consistia no facto muito pernambucano de a molecada atirar-se á vanguarda das bandas militares, quando estas, estalando um dobrado ou u'a marcha inflammada, sahiam em passeata pela urbs.

Não sei si aquelles dois illustres poetas se davam a essas expansões bellicosas. Creio que não.

Em verdade, a capoeiragem era o privilegio da gente desclassificada, da fina flôr dos "bas-fonds" recifenses.

Em todo caso, só o que posso affirmar é o seguinte: eu nunca me pude entregar a essa especie de façanhas. Não porque o não desejasse. Mas, tão somente, porque sempre fui um pequeno tratado, com rigor, pelos meus.

Basta dizer que, ainda muito creança, fui encerrado entre os muros do seminario de Olinda.

A minha familia queria impôr-me a batina. Eu, porém, redigia jornaléços manuscriptos — onde mettia os meus professores a ridiculo — para demonstrar que o meu "penchant" invencível era pela vida das letras...

E' com saudade, porém, que recordo meus bellos dias de garôto, nos sitios e nas ruas do Espinheiro, o bairro tranquillo e modesto onde nasci.

Lembra-me que levei vastas surras da minha avó paterna, uma velhinha magra e energica, pela razão muito simples de tomar o trem aqui, para saltar ali, fugindo do conductor. No Rio, isto se chama — "viajar de carona". No Recife, era — "morcegar trem"...

A' noite, a guryzada do meu tempo brincava a "manja", a "corridella", a "batalha", a "bocca de fôrno" e o "chicote queimado".

Havia tambem o brinquedo do "rabo da raposa". O "rabo da raposa" era um "bluff" que fazia rir.

Mas, que vinha a ser esse divertimento infantil? Era simples quando apparecia um novo morador, gury na nossa idade. Um dos veteranos fazia o "rabo da raposa".

Dizia para o novato:

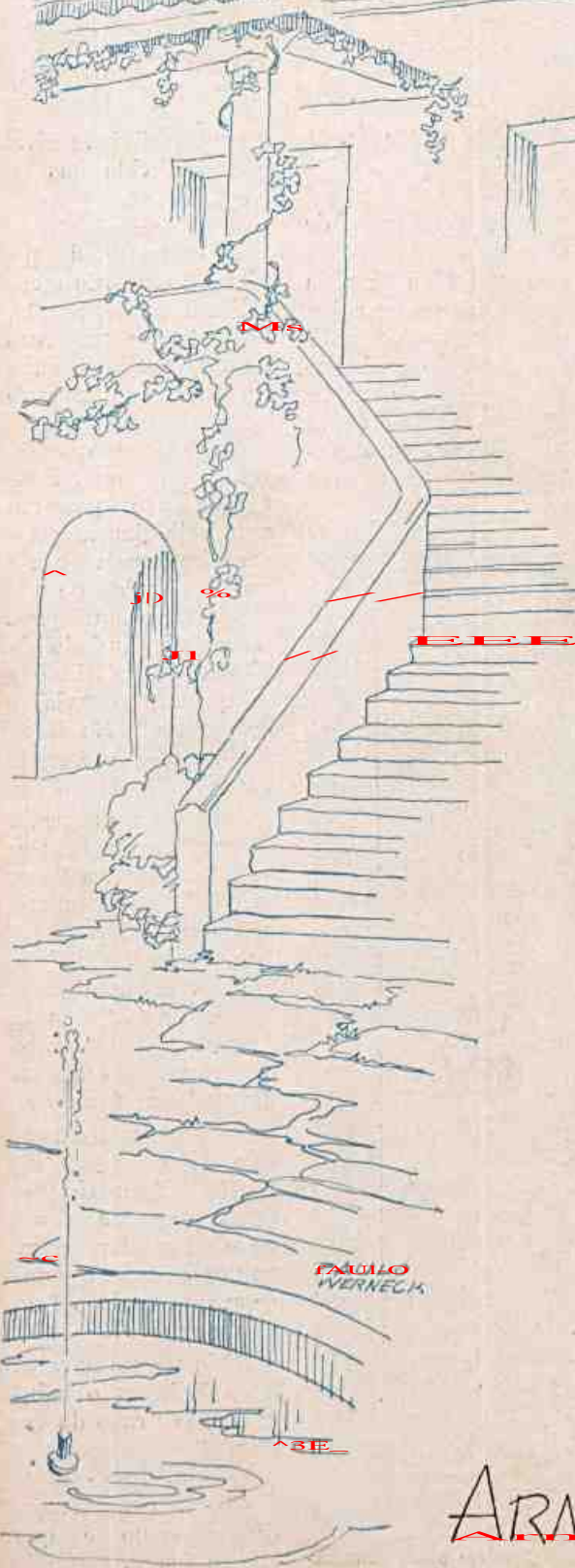
— Conheces o brinquedo do "rabo da raposa"?

— Não.

— Então vamos mostrar-te como é que elle se faz...

(Cont. na pag. seguinte)

Não é só o sul do paiz que se engrandece pelas bellezas femininas que possue. O norte tambem é rico de typos bellos e encantadores. A senhorita Nicia Jansen Figueiredo de Souza é, por exemplo, uma formosa maranhense. Nada lhe falta: graça, pureza de linhas, porte, seducção... E' uma flôr authenticamente brasileira.

A casa vasia

A casa vasia está cheia de saudades.
Vagam pelos salões e corredores
sombras, umas risonhas, tristes outras;
sombras dos que ahi deixaram a lembrança
de seus amores,
de suas alegrias e tristezas,
de suas lagrimas, seus sorrisos e seus beijos...

Em derredor da casa vasia
o jardim silencioso
bafeja-a com os seus agrestes aromas;
uma trepadeira em flôr beija carinhosamente
a casa vasia;
e um repuxo, prateado á luz do luar,
no silencio da noite é uma canção da agua fria.

Feliz casa vasia,
que tem recordações, sombras amigas,
o ambiente perfumado dos jardins,
offertas de carinhos e cuidados
e no silencio da noite a canção da agua fria!...

ARMINDO RANGEL

Associando-se ás festas do «Mez da Cidade», o Fluminense Football Club promoveu, na noite de São João, uma reunião propria da grande data que o Brasil commemora de maneira especial. Houve fogueiras, balões, lanterninhas multicôres e todos esses encantos brasileiros que caracterizam tão lindamente as nossas noites de São João. O stadio da rua Alvaro Chaves apresentava-se, na noite de 24 de Junho, com o aspecto que devia ter, com os seus divertimentos regionaes e as suas «caipirinhas» civilizadas... Esta pagina dá uma idéa da festa joaninha na séde do Fluminense F. C.

Encantadora, sob todos os aspectos, foi a festa sertaneja com que o elegante Tijuca Tennis Club assignalou a passagem do dia de São João. Para isso a directoria da distincta sociedade sportiva organizou um excellente programma, que constou de vários números, todos elles attrahentissimos, pelo seu cunho verdadeiramente regional. Essa festa teve ainda uma outra significação: commemorar o seu 18.º anniversario, victoria essa que muito representa para os seus illustres associados. O programma dos ruidosos festejos prolongou-se por todo o mez de Junho, marcando um acontecimento de grande brilho mundano.

A exemplo dos annos anteriores, o America F. C. commemorou, com uma linda festa matuta, o dia de São João. Essa festa, que foi profundamente caracteristica, com seu baile regional e o seu «decor», decorreu num ambiente de grande animação e com todos os requisitos das festas joaninas. Houve a fogueira classica, fogos de effeito modernissimo e outros detalhes interessantes, pelo seu alegre pittoresco.

Lucy Eyer, a encantadora filhinha do professor Frederico Eyer, fez annos no dia de São João e recebeu tantos abraços e presentes quantos são os dias de sua verde existencia. A data natalicia de Lucy foi um pretexto para uma nova festa no palacete da rua Professor Gabizo, onde as irmãs da anniversariante, senhoritas Alayde e Lysia, com a cumplicidade amorosa da mamãe, d. Augusta Eyer, promoveram uma «brincadeira» que resultou numa reunião dançante digna dos encantos de Lucy e do prestigio social da distincta familia Eyer. Lucy Eyer apparece no grupo entre varias amiguinhas presentes á linda festa.

VELHOS TEMPOS — (Conclusão)

Enfiava, ás occultas do tolo, um pedaço de pau numa poça de lama. Cavalgava-o de modo que désse a impressão de ser uma cauda curta.

Dada a ordem para se pegar a raposa, pelo rabo, é claro que o garôto inexperiente era o unico a tentar segural-o...

Certa vez, coube a mim passar o "bluff" em uma molecota de seus quatorze annos. Typo negrinha do morro da Mangueira.

Tinha o appellido de "Pequena". Pois bem; "Pequena" pegou o "rabo da raposa"... E a melhor prova que me poude dar, de que não gostára da pilhéria, foi a sóva tremenda que levei della, dias depois, quando me encontrou, numa rua deserta do arrabalde.

Nessa época, eu tinha apenas de dez para onze annos...

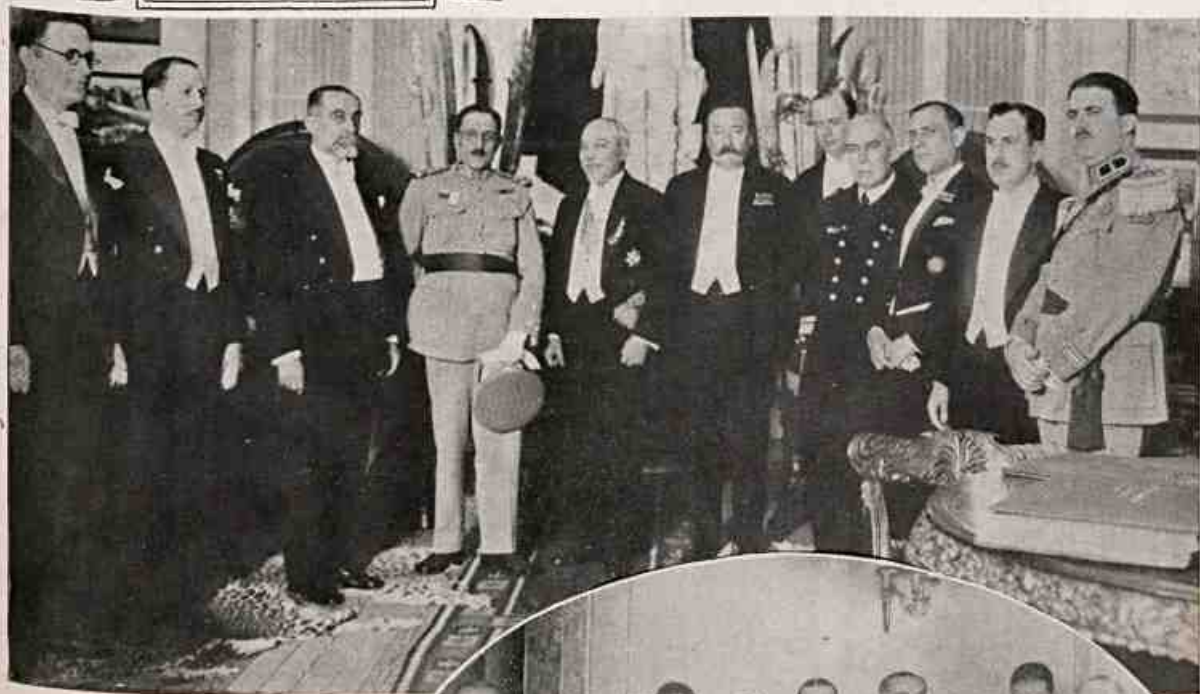
YVES

«Uma festa no arraiá de Tio Chico» foi como se chamou a noite de São João no Club de São Christovão, onde muita gente chic da cidade se divertiu e dançou como se diverte e se dança no interior brasileiro.

FILIGRANAS

— Como você mudou! E' o que nos dizem aquelles que verificam as alterações physicas, moraes ou mentaes que soffremos vida afóra, sobretudo os que no outro vêm morrer um sentimento.

Entretanto, nós somos innocentes de tal mudança. Ella não se faz por nossa vontade, mas independentemente della. E' o tempo — *ce grand tueur* — quem nos transforma dia a dia na carne, no caracter e no espirito, o tempo que, através da successão de suas fórmas, mata em nós a criança, o adolescente, o moço, o varão, o homem maduro e, afinal, o proprio velho...

Adelina Korytko, primadonna da Opera de Varsovia e figura de prestigio nos circulos artisticos de seu paiz, é a illustre e festejada cantora polonesa que já se fez ouvir com successo no Municipal e cuja voz, depois de exaltada e consagrada pelas criticas européa e argentina, o foi tambem pela nossa, tão exigente no seu julgamento. Senso dramatico e sensibilidade communicativa encontraram na senhora Adelina Korytko, que, accrescentou a critica, attinge, no conjuncto e no detalhe, o alto nivel dos maiores interpretes do canto. Depois de ter sido applaudida duas vezes nesta capital, cantando Mozart, Verdi, Carlos Gomes, Chopin, Strauss, Schubert, Weber, Respighi e, sobretudo, compositores slavos, Adelina Korytko vae dar um terceiro concerto, que se realizará no proximo dia 4, no theatro Municipal.

«FON-FON» EM PORTUGAL

Na Sociedade de Geographia de Lisboa. Grupo em que se vêem, ladeando o ministro da Guerra, o embaixador brasileiro, dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, e o ministro da França. No medalhão: visita do embaixador José Bonifacio e de seu filho dr. Martim Francisco ao Automovel Club de Portugal, onde foram recebidos pela directoria da instituição.

"LA REVISTA AMERICANA"

O numero de maio ultimo de "La Revista Americana" de Buenos-Aires já foi largamente distribuido nesta capital. Temos sobre a nossa mesa de trabalho o exemplar que nos offereceu o seu digno representante no Rio, nosso distincto confrade e illustre escriptor Mario Vilalva.

A excellente publicação argentina traz, nesse numero, variada e escolhida materia de redacção e collaboração, firmada por nomes como os de Juan E. O'leary, Mario Vilalva, Manuel Dominguez, Enrique de Candia, V. Lillo Catalan, Raquel Adler, C. Laura Dobranich, D. F. Eguren de Larrea, etc.

REVIVENDO A ELEGANCIA DO PRIMEIRO IMPERIO

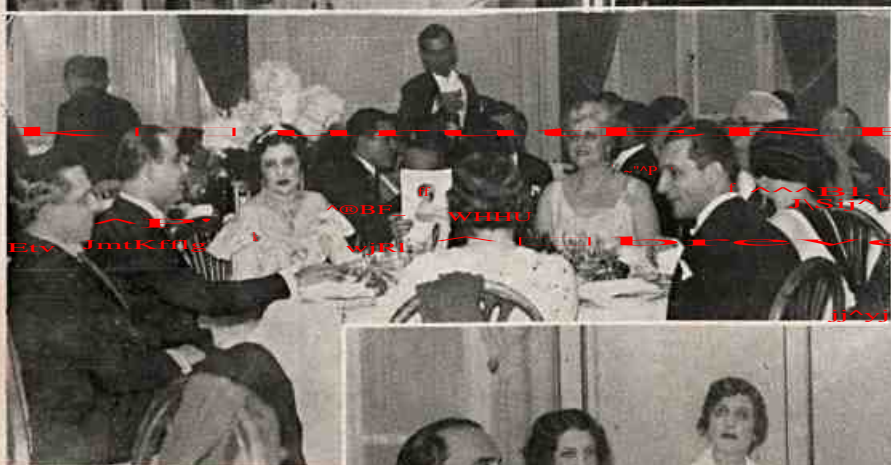
Constituiu um acontecimento mundano de grande significação o baile de gala, á moda do Primeiro Imperio do Brasil, que, por iniciativa dos nossos confrades d'«A Noite», se realizou sabbado ultimo, nos salões do Copacabana Palace Hotel, sob os auspicios da Prefeitura Municipal e com a collaboração do Touring Club do Brasil. Essa festa, que reviveu, por alguns momentos, o ambiente aristocratico do Primeiro Imperio, teve

FILIGRANAS

A sociedade precisa dum quadro hierarchico dentro do qual viva e progrida. Esse quadro presuppõe chefes e disciplina. No angustioso momento por que hoje passa o mundo, vendo morrer a liberal-democracia e bracejar o communismo impotente, somente uma doutrina mostra no horizonte dos povos um lume de esperança: o Integralismo. Porque elle cria e mantem aquelle quadro hierarchico salvador, sob o symbolismo do *Fascio* de Mussolini, da *svastika* de Hitler, da cruz de Christo de Salazar ou do *sigma* brasileiro.

uma assistencia numerosa e selecta, destacando-se entre os presentes o representante do sr. interventor Pedro Ernesto, directores do Touring Club do Brasil, damas e cavalheiros da alta sociedade brasileira, não só desta capital como de S. Paulo e de outros Estados vizinhos. O corpo de baile das sras. Maruska e Valery fez interessantes exhibições, tendo o sr. Roberto Vilmar, vestido a caracter, cantando o Hymno da Independencia. Nossos «clichês» fixam aspectos dessa grande noite de elegancia e bom tom.

REVIVENDO O DESLUMBRAMENTO ELEGANTE DO PRIMEIRO IMPERIO

A sociedade do Primeiro Imperio, com o deslumbramento e as características de então, reviveu, numa noite dos nossos dias, todos os encantos mundanos da época de D. Pedro I, tão cheia de belleza e de luxo quanto de serenidade e opulencia. Esta pagina de FON-FON focaliza algumas das figuras que ali se apresentaram vestidas a caracter e mais dois aspectos da festa.

MULHERES

A idade em que tudo senta bem na mulher é breve: aproveitaea. — *Restif de la Bretonne.*

No baile «Primeiro Imperio» do Copacabana Palace Hotel. Flagrantes das mesas onde trajes antigos e modernos se confundiam na mesma hora de alegria e encantamento.

OS AVIÕES DO CORREIO AEROPOSTALE

O avião semanal da Cia. Aeropostale chegará amanhã, sem atrazo, ao Rio, procedente de Natal e trazendo o correio da Europa, que será immediatamente distribuido. Conduz ainda varios passageiros para esta capital, Santos, Porto Alegre, Montevidéo, Buenos-Aires e Chile.

As malas postaes destinadas á Europa seguirão amanhã, domingo, sendo a correspondencia recebida só até ás 9 horas da manhã. Hoje, sabbado, o serviço de recebimento de correspondencia será encerrado ás 22 horas.

Sorrisos de hoje numa festa de hontem. Outros aspectos do grande baile «Primeiro Império» patrocinado pelo Touring Club do Brasil. Uma linda silhueta de mulher moderna com a guarda de honra de dois dragões da Independencia.

Trepações

A pianista brasileira senhorita Anna Carolina, que no proximo dia 2 de julho, á tarde, dará um recital no Theatro Municipal.

ATE' parece que chegou o dia venturoso, etc. e tal... Mas tambem o medico illustre já foi sufficientemente castigado com um periodo de espera que, pelo geito, ainda devia atravessar todo o anno e entrar pelo 1934. Entretanto, *madame* resolveu suavizar a penitencia do esculapio, fazendo-lhe uma promessa encantadora.

Aqui no Rio não póde ser, pelo menos agora...

Mas vão os dois *repousar* fóra, numa estação de aguas, muito breve.

A concessão de *madame* fez delirar o medico paciente, e não sabemos em que vae dar essa historia, si o collega desconfiar...

Porque, é bom que se diga, o motivo da espera prende-se a um caso complicado da intimidade de *madame*, que é atormentada pelas paixões dos medicos.

Ella ainda não conseguiu descartar-se do outro, um ciumento capaz de estragar tudo, si não fôr conduzido com geito. *Madame* já decidiu e agora não recúa. Um que parte, outro que chega... E de permeio, na comedia da vida, um marido philosopho achando tudo muito bom...

ERAM dois casaes amigos, inseparaveis. As damas entendiam-se maravilhosamente. Os cavalheiros idem, na mesma data... Por vezes, ellas appareciam juntas, nas casas de chá, nos cinemas e nos córsos elegantes. Elles tambem eram vistos em sitios onde a gente se diverte, mas, é claro, sem o conhecimento das esposas. Um dia, a coisa tomou novo rumo.

Nise, galante filhinha do sr. Campos Lycurgo e de d. Maria Amelia Rocha Lycurgo.

As damas brigaram, os cavalheiros desavieram, embora tudo ficasse envolto em profundo mysterio.

Inútil qualquer esforço para levantar a pontinha do véo, segundo o modo de entender dos mais intimos dos dois casaes. Mas, ha quem diga tratar-se de coisa simples, tão simples que até as domesticas commentam a historia, glosando-a maliciosamente...

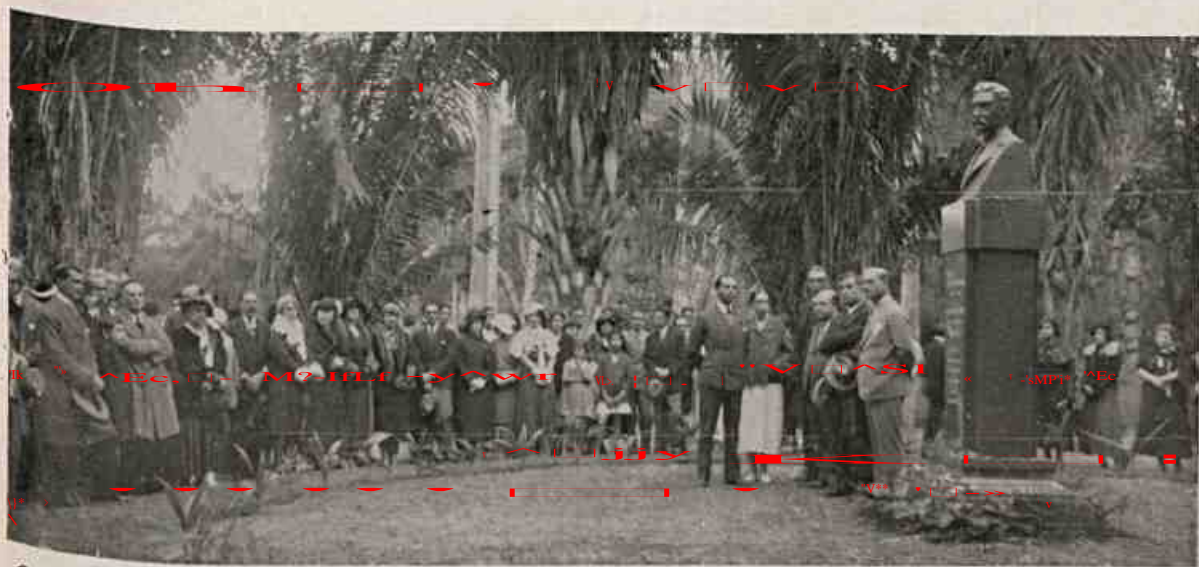
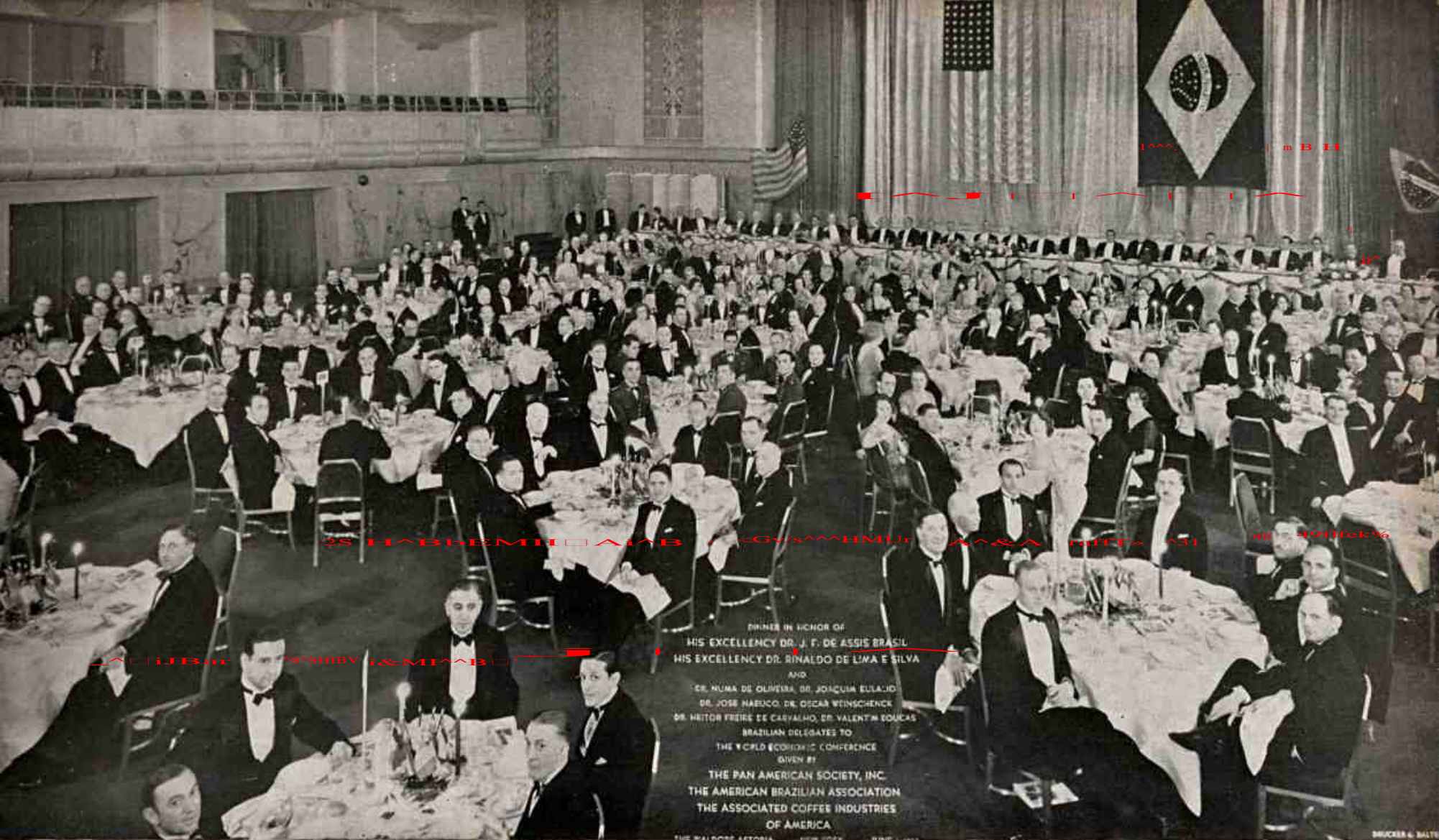
Si houvesse realmente motivo sério para a briga dos casaes, é deveras lamentavel, pois já estão fazendo falta, juntinhos, felizes, risonhos, em toda a parte...

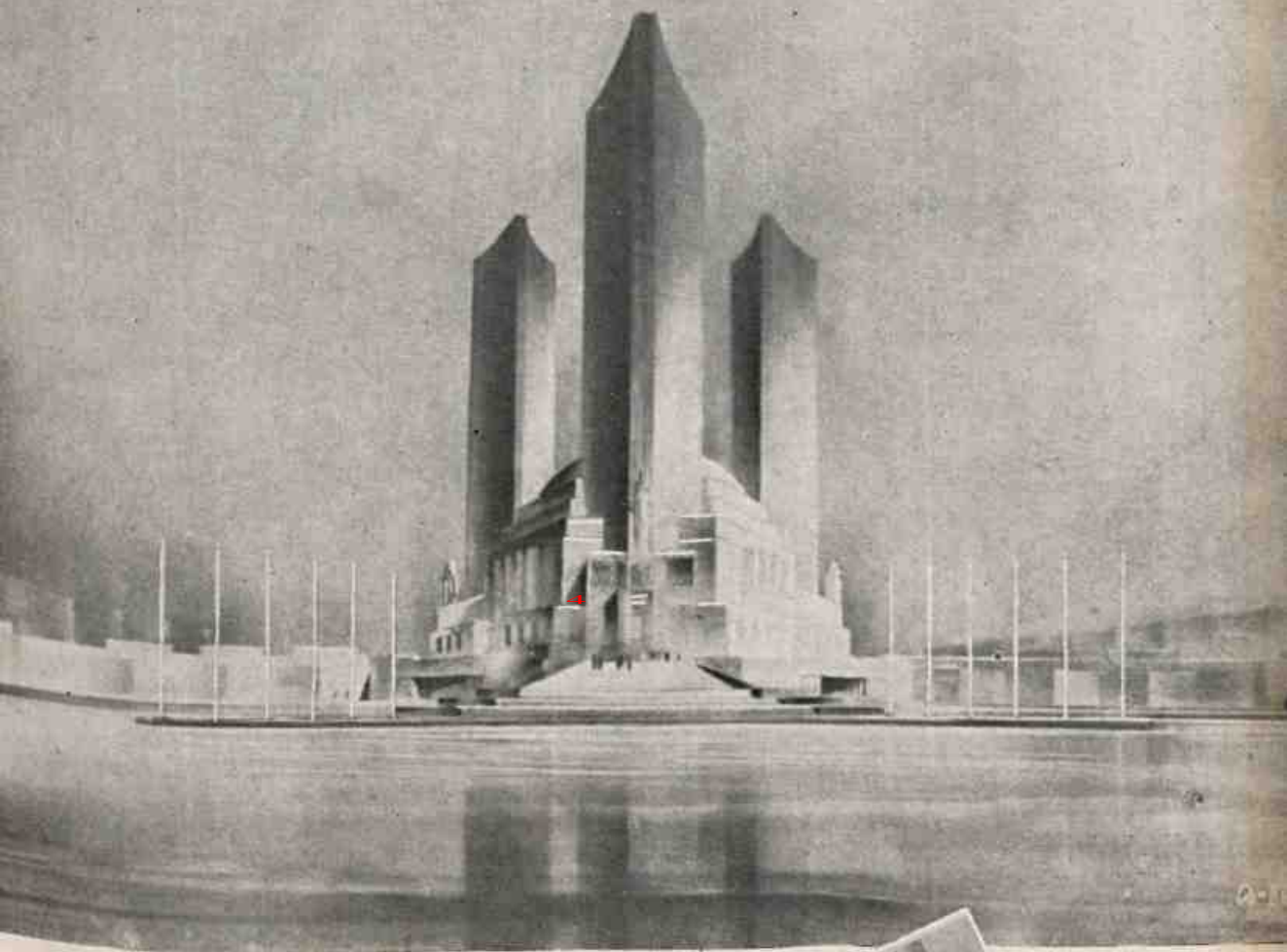
Fazemos votos para a reconciliação dos casaes e que appareçam novamente em publico para ralar de inveja muita gente bôa...

A galante figurinha dos salões carioca, depois que soffreu tremenda decepção amorosa, resolveu não ligar importancia á lingua dos habitantes da cidade.

Desprezada e substituida no coração do illustre joven, por sua vez tratou de arranjar outro affecto, mas não tem sido feliz, ao que parece... O primeiro foi o mais constante, e ficou celebre. Depois veiu o segundo, vieram outros, e agora torna-se quasi impossivel levantar uma estatistica dos *casos* da galante figurinha. Actualmente, ella está iniciando um authentico almofadinha, de polidez impressionante, olheiras romanticas, que, futuramente, bem *treinado*, virá a ser um perigo para as donzellas incautas. O rapazóla está maravilhado com a conquista e não faz outra coisa na vida sinão aguardar a hora do passeio nocturno, quando ambos se perdem lá pelos recantos desertos do Leblon, com risco de uma pneumonia nesta quadra de frio intenso. Pois os garotos estão em plena lua de mél, até que venha a outra phase, a de fél... Então, naturalmente, a galante figurinha renovará a comedia dos seus amores, procurando outro pequeno.

Edith Falcão, interessante figura do theatro brasileiro e elemento de destaque no elenco do Recreio.

Um grupo de amigos do embaixador Mora y Araújo offereceu-lhe um almoço de despedida, segunda-feira ultima, no Jockey Club, onde se reuniram, para homenagear o illustre diplomata argentino, que acaba de ser transferido para Lima, figuras altamente representativas da sociedade brasileira e do mundo diplomático. Fez o discurso official, em nome dos manifestantes, o professor Aloysio de Castro, tendo agradecido, em phrases commovidas e cheias de sympathia pelo nosso paiz, o dr. Mora y Araújo, que deixa no Rio de Janeiro e no Brasil um largo circulo de relações.

O Instituto Biologico Federal inaugurou no dia 22 do corrente o monumento que, sob o patrocinio do dr. Guilherme Guinle, foi erigido ao grande botanico patricio dr. J. Barbosa Rodrigues, no Jardim Botanico, que o eminente sabio brasileiro dirigiu durante vinte annos. E' um flagrante da cerimonia inaugural o que focaliza o nosso «cliché».

O BRASIL NOS ESTADOS UNIDOS

A Pan-American Society, a Associated Coffee Industries of America e a America Brazilian Association offereceram em Nova-York um grande banquete em honra do embaixador Assis Brasil e demais membros da delegação brasileira ás Conferencias de Washington e de Londres. O consul geral do Brasil em Nova-York, dr. Sebastião Sampaio, associou-se á homenagem, tomando parte no banquete e promovendo a sua divulgação dentro e fóra dos Estados Unidos. A gravura desta pagina focaliza um aspecto do banquete, vendo-se na mesa principal o dr. Assis Brasil e seus companheiros de delegação srs. Rinaldo de Lima e Silva, Numa de Oliveira, Joaquim Eulalio, José Nabuco, Oscar Weinschenck, Heitor Freire de Carvalho e Valentim Bouças.

A EXCURSÃO DO TOURING CLUB AOS ESTADOS UNIDOS

O Departamento de Turismo do Touring Club do Brasil, de que é superintendente o dr. P. B. de Cerqueira Lima, levará a effeito, em agosto proximo, interessante Excursão Turistica Cultural aos Estados Unidos, em um dos mais luxuosos e modernos navios da Munson Line. Trata-se da primeira grande caravana turistica organizada, em nosso paiz, com aquelle objectivo, sendo de notar que a visita dos nossos patricios será retribuida por uma excursão de norte-americanos, á frente de cuja organização se encontra o cônsul geral do Brasil em Nova-York, dr. Sebastião Sampaio. A gravura do alto mostra um suggestivo aspecto da formidavel realidade que é a civilização «yankee» dos nossos dias. Apparece ahi um dos mais modernos arranha-céos da America do Norte, cuja estranha architectura o promove a um verdadeiro monumento da vertigem contemporanea.

Sob a presidencia do dr. P. B. de Cerqueira Lima, presidente, em exercicio, do Touring Club do Brasil, reuniu-se, na semana passada, na sua nova séde, á Estação de Passageiros do Cáes do Porto, o Comité de Imprensa dessa prestigiosa instituição. A nossa gravura fixa um aspecto da reunião.

FESTA DE EQUITAÇÃO

Em homenagem ao glorioso aviador polonez capitão Stanislaw Sharzynski, realizou-se domingo passado, na pista do Centro Hippico Brasileiro, á avenida Pasteur, um grande torneio de equitação, no qual tomaram parte elementos technicos de prestigio nos nossos meios sportivos. A festa hippica de domingo, que alcançou brilhante êxito sportivo e mundano, além de ser offerecida ao heróe do vôo Polonia-Brasil, foi em beneficio da construcção da matriz da Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro, tendo sido organizada por uma commissão de damas da nossa alta sociedade. Esta pagina mostra alguns detalhes photographicos da interessante reunião.

O beijo deante do espelho

Um film da UIVERSAL com Nancy Carroll, Frank Morgan, Paul Lukas.

O dr. Walter Bernsdorf entrou no «boudoir» da esposa, no momento justo em que ella, deante do espelho, ultimava a sua «toilette» e curvou-se para beijál-a. E, como olhasse para o espelho, para ver a expressão da esposa, percebeu que ella, inadvertidamente, esboçava no rosto um esgar de aborrecimento, de quasi repugnancia.

Aquella attitude deixou o advogado surprezo e desconfiado. A mulher ia sahir e elle resolveu seguil-a sem ser visto. Foi encontral-a num jardim publico, justamente no momento em que estava em colloquio amoroso com um estranho. O ciúme, a indignação, a revolta agiram sobre o esposo offendido, e Bernsdorf, puxando do revolver, matou ali mesmo a esposa.

Preso, o advogado foi levado para o cárcere.

Um amigo, o dr. Paul Held, promptificou-se a defendél-o. Para tanto, Bernsdorf teve que contar-lhe a sua tragédia e fêl-o com excesso de detalhes, a partir do beijo fatídico que lhe puzéra a desconfiança na alma.

De volta a casa, Held ia pensando na triste historia que o amigo lhe contára e, entretanto, no «boudoir» da esposa, teve a idéa de reproduzir a scena, fazendo uma experiencia, pois que Maria, sua esposa, estava naquelle momento justamente deante do espelho.

E também Paul Held julgou ver no rosto da esposa, que o espelho naquelle momento reflectia, uma expressão de aborrecimento, quasi de asco. A suspeita assaltou-o, como fizéra a Bernsdorf, e também elle resolveu seguir Maria, que, naquelle instante, estava de sahida. Seguiu-a e viu que ella, reproduzindo os gestos da amiga morta, ia a um jardim publico encontrar-se com um desconhecido. Mas o advogado, sem mesmo saber porque, resistiu á tentação de matar a mulher, como Bernsdorf havia feito.

Mudou, apenas, tornando-se sêcco, indifferente...

Chegou o dia do julgamento. Paul Held, obedecendo a um plano preconcebido, fez questão de levar a esposa ao tribunal, embora ella se esquivasse muito. Maria começava a desconfiar que alguma coisa ia acontecer, tanto mais que não lhe passára

(Conclúe na pag. 50)

VIDAS CRUZADAS

(From Hell to Heaven)

DA PARAMOUNT

A felicidade de onze pessôas está pendente dos resultados que tiver o "Capitol Handicap", a ser disputado em poucos dias no hyppodromo de Luray Springs.

Wesley Burt, que desviou varias sommas de vulto no escriptorio de corrector em que trabalha para poder custear o luxo de sua esposa Joan, vae com ella a Luray Springs, onde espera recobrar nas apostas o necessario para cobrir o seu desfalque.

Jimmie Lloyd está tambem em Luray Springs, na esperança de obter que Peppar Murphy, o jockey do favorito, "Wingway", i esclareça definitivamente sobre os boatos correntes de que a corrida não será lisamente disputada. Winnie, fazendo praça dos seus encantos aos olhos do jockey, sem difficuldade lhe arranca a informação de que elle tocará para traz com o seu animal. Em meio do colloquio, surprehende-os, porém, a sra. Chadman, proprietaria do "Wingway", e logo despede Peppar dos serviços da sua coudelaria.

Estão tambem em acção no local Jack Ruby, um malandrão, e sua companheira Elsie, cujo intento é obter de Winnie alguns milhares de dollars que allega ter entregue em confiança antes da Justiça o mandar fazer uma das suas habituaes excursões á penitenciaria do Estado.

Tommy Tucker era quem devia montar "Stoutheart" por conta de Pop Lockwood, mas a sua conducta duvidosa numa corrida anterior faz com que Pop o despeça sob os protestos da sua linda filha Sonny, apaixonada pelo rapaz. Livre assim Tommy do seu compromisso com o patrão, contrata-o a sra. Chadman para montar "Wingway", em vez de Peppar.

Colly, a linda Colly, vae a Luray Springs á procura de Billings, o seu apaixonado, a quem abandonou para desposar um rico capitalista de Boston. Ella precisa urgentemente de 10.000 dollars, e Billings responde ás suas solicitações com a proposta de apostar em seu nome 10.000 dollars contra ella propria.

(Cont. na pag. 50)

A MODA NOS STUDIOS

As mulheres que se têm esforçado por parecer elegantemente vestidas, conforme suas posses, foram salvas pelas costureiras.

A esta artista do lapis e da thesoura se deve o novo systema de se vestirem as mulheres com elegancia por baixo custo. Resolveu o problema das difficuldades que surgiram nesta era de economias.

A costureira moderna é uma pessôa completamente differente da antiga, que costumava ir á casa das freguezas com um masso de figurinos debaixo do braço e uma almofadinha cheia de alfinetes. E' habil e original, e tem uma maneira propria de crear roupas de qualidade e individualidade.

O mundo está virado de pernas para o ar pela forçada economia. Está seguindo as pégadas dos desenhistas, que remodelam as roupas usadas pelas artistas cinematographicas.

O methodo que os studios praticam trouxe desenhos individuaes sem a necessidade de se recorrer ás roupas feitas. Por este meio, são apresentadas idéas originaes e modas mais apropriadas ás personalidades.

Antigamente, as mulheres ficavam contentes vestindo-se mais ou menos de modo igual. Havia poucos exemplos de expressões pessoaes. Toda esta monotona uniformidade desappareceu quando a costureira dominou.

Reconheceu-se que todas as modas levam a mesma idéa fundamental, mas o encanto dum vestido póde sómente ser aperfeiçoado pelo tratamento dado.

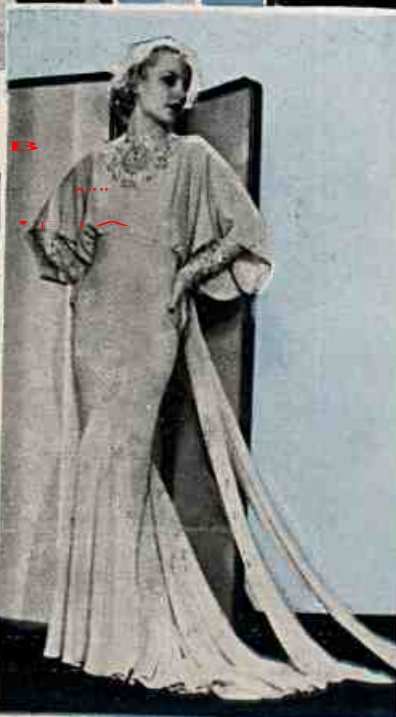
Portanto, apesar dos embaraços causados pela depressão, está reservado um agradavel futuro para as modas.

A moda é cada vez mais individualista, isto é, cada vez mais adaptada á personalidade da mulher. Tantas modas quantas as mulheres de bom gosto.

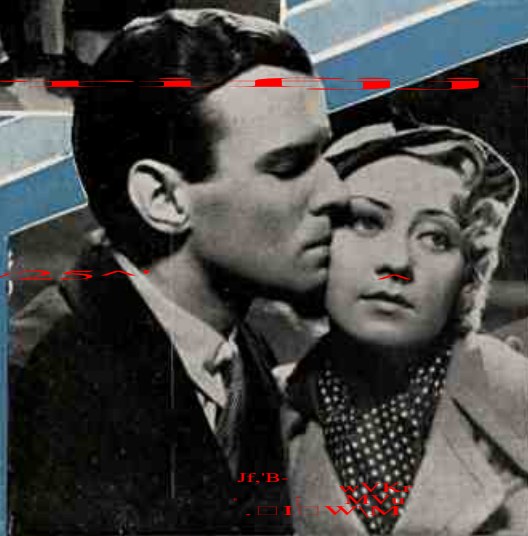
CLAUDETTE COLBERT, CAROLE LOMBARD e MAE WEST, da PARAMOUNT

INTRIGAS DA BROADWAY

Da FOX-com

Jean Blondell, Ricardo Cortez e Ginger Rogers

ERA Tony Landers a mais sensacional e mais nova estrella do theatro musicado da Broadway, tendo logar de destaque na ultima producção de Craig Cutting, o autor famoso que outra coisa não via no mundo sinão aquella formosa pequena que era a attracção de todo o mundo. O seu amor por Tony ia até fazer os maiores sacrificios pecuniarios, pagando-lhe todas as despesas, mas dando a entender que o dinheiro que lhe entregava era dinheiro dos bonus que lhe havia confiado. Esses extremos de delicadeza de nada lhe serviram, porque Tony, tendo encontrado o seu amiguinho de infancia Robert North, de quem sempre se recordava com saudade, a elle se ligou, vindo casarem-se clandestinamente.

Cutting dá em sua casa uma grande festa. Tony resolve ir a essa festa não obstante seu marido se encontrar fóra da cidade. Cutting, que nunca deixara de pensar naquelle amor, que cada vez mais se sentia attrahido para Tony, revela-lhe que por ella fizera os maiores sacrificios sem que ella o soubesse nem de nada desconfiasse. Entretanto, o marido de Tony regressa inesperadamente a Nova-York e sabedor dos passos de sua esposa vae surprehendel-a na companhia de Cutting. O ciume explode e Roberth não quer acreditar nas explicações de Tony. Vem o inevitavel divorcio. Os agentes de publicidade que tinham atirado Tony ás nuvens, elevando-a á categoria de astro de primeira grandeza, são os primeiros a atiral-a com este escandalo á lama das ruas. Dentro de pouco tempo, Tony é transformada na mulher mais desacreditada da Broadway. Para maior infelicidade sua, dentro em pouco Tony é mãe de uma formosa creança. O marido, que se transformara em um homem sem dignidade, descendo aos maiores crimes, para arrancar dinheiro da esposa, apodera-se-lhe do filho. A justiça intervem para acudir á dor immensa daquella mãe desesperada, e esta declara perante os tribunaes que Norberth não é o pae de seu filho. E quando os magistrados lhe exigem a declaração de quem será então o pae de seu filho, Cutting, que estava presente, adeanta-se e declara ser elle para assim a sua querida Tony não se privar de viver com o seu pequenino ser que ella tanto amava.

E para sempre os tres corações viveram felizes.

Escriptores e livros

Euclides de Andrade — ESTILHAÇOS DE GRANADA — Edições Unitas — São Paulo — 5$

AINDA um livro sobre a revolução de julho de 1933. Mas, neste, o autor não trata de coisas sérias... São paginas que reflectem o humorismo das trincheiras. A revolução anecdotica, como diz o autor, talvez a melhor das revoluções.

Apresentação material magnifica.

Paulo Setubal — OS IRMÃOS LEME — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

"A historia deste livro, que é uma historia veridica, completa a chronica *O ouro de Cuiabá*", escreve o autor. Realmente, são obras identicas no genero; mas, este novo livro de Paulo Setubal nos parece mais interessante que o primeiro. E' uma evocação admiravel do nosso passado historico, cheia de vida, que prende a attenção do leitor. O autor caracteriza com precisão as scenas, desenvolve a narrativa elegantemente, destaca nitidamente as figuras, revelando-se um artista das letras. Um livro excellente.

Concórdia Merrel — CASADA POR DINHEIRO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

MARIO SETTE traduziu, para a collecção "Nova bibliotheca das moças", este excellente romance de Concórdia Merrel, que as nossas leitoras, através de outras obras de successo, já conhecem.

S. S. Van Dine — HOMICIDIO OU SUICIDIO? — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

THE *KENNEL MURDER CASE*, novella policial que ainda em fevereiro era inserta nas paginas da revista *Cosmopolitan*, vem de ser incluida na collecção *Para Todos*, o que denota a solicitude da conhecida editora nacional em servir o seu grande publico.

H. R. Knickerbocker — PÓDE A EUROPA REERGUER-SE? — Liv. Globo — Porto Alegre — 6$

TRATA-SE de um inquerito sensacional de um jornalista e publicista intelligente. Mussolini, Herriot, Miklas, Strasser e outros grandes vultos da politica européa revelam cada qual a sua opinião optimista, respondendo pela affirmativa. O livro desperta interesse pela grande copia de ensinamentos que encerra.

John Dewey — COMO PENSAMOS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

E' o segundo volume da série denominada *actualidades pedagogicas*, publicada sob a direcção do illustre professor Fernando de Azevedo. Trata-se de uma obra de grande valor, excellentemente traduzida por Godofredo Rangel, digna de figurar na estante de todos os nossos educadores.

C. Windecke — STALIN, O CZAR VERMELHO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

O autor apresenta-se com um pseudonymo, o que de certo modo não se explica, pois o livro é interessante. A materia está agrupada de modo a formar um triplice conjuncto: a Russia dos Czares, alheia á catastrophe que se armava; a implantação do regimen sovietico, sob os auspicios de Lenine; e a grandiosa miragem do Plano Quinquenal. Estas tres phases estão colligadas á figura central de Stalin, de quem o autor traça uma biographia movimentada.

Um estudo excellente, curioso.

Sydney Horler — O HOMEM CALVO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

A conhecida collecção *Para Todos* tem mais um volume traduzido do original inglez *The curse of doone*. Trata-se de um romance bem urdido, que prende a attenção do leitor.

Jugurtha Castello Branco — UMA MULHER SEM CORONEL... — Rio — 1933

ROMANCE?... Vá lá, pois assim quer o autor. Além da ausencia de technica, a linguagem não prima pela excellencia. Certos episodios do livro são demasiadamente rudes, provocando o desencanto da leitura. Futuramente, quando o autor produzir obra mais equilibrada, vae certamente arrepender-se do feio peccado que ora commetteu.

O travesseiro e a tranformação dos dentes

E' muito frequente encontrar pessôas de dentes deformados e tortos, alguns precipitandose para fóra, como limpa-trilhos, outros inclinados para os lados, de maneira a dificultar a mastigação.

Apresentam-se explicações complicadas para esses defeitos: syphilis, lymphatismo, rachitismo, tuberculose, etc. Mas nem sempre a causa é essa. A's vezes, o geral das vezes, a causa é apenas o mau uso do travesseiro. O travesseiro é o grande deformador do rosto e da bôcca. Parece á primeira vista difficil, mas está provado que os ossos são escravos da força que sobre elles actuam. Um pedacinho de borracha entre dois dentes separa-os em poucas horas. Os chinezes deformam completamente os pés das suas mulheres.

E as observações dos scientistas mostraram que o habito de dormir repousando o rosto sobre o braço ou sobre a mão, e mesmo com a mão por baixo do travesseiro, acaba, com o tempo, deformando completamente a estructura dos dentes. Os dentes em limpatrilho, precipitados para fóra resultam, geralmente, do costume infantil de dormir chupando os dedos. Se um pouco de algodão póde em poucas horas separar dois dentes, é facil imaginar as consequencias de apoiar o rosto sobre o braço ou sobre qualquer objecto que comprima os maxillares.

E' recommendavel, portanto, que se apoie sobre o travesseiro apenas o ouvido direito e não a bochecha. Dormir sobre o lado esquerdo é inconveniente, porque comprime o coração, e sobre o estomago, porque comprime o peito. Deve-se preferir o lado direito. Com as creanças, porém, seria aconselhavel habituál-as, desde cedo, a dormir de costas, sem travesseiro, sobre um colchão duro. O habito desde cedo tomado só póde ser salutar e, evitando qualquer pressão sobre os dentes, evitalhes a deformação, permittindo o seu desenvolvimento amplo e natural.

Como se vê, a belleza e a saúde dos dentes exige não só o uso do creme dental tres vezes ao dia, como aconselham os fabricantes do Gessy, mas tambem um cuidado muito especial na maneira de apoiar a cabeça, ao dormir.

Novidades Literarias da Europa

UM dos generos literarios mais em moda actualmente, na Europa, é o chamado de espionagem. Primeiro os allemães, depois os inglezes, agora os russos e francezes lançam no mercado uma enorme quantidade de livros sobre "o que foi a guerra secreta". Na sua maioria são livros mediocres, onde um enredo banal de folhetim policial nos relata as aventuras desse ou daquelle espião. A não ser o livro de "Memórias" de Ludendorff, nada até hoje havia apparecido de interessante sobre o assumpto, e que nos puzesse ao corrente das organizações, meios, fins e resultados dos enormes serviços secretos creados pela guerra européa. Essa lacuna vem de ser preenchida pelas Edições des "Champs Elysées", com a publicação de uma série de excellentes livros sobre a espionagem, e que obtêm enorme exito em toda a a Europa. Quasi todos esses livros são de autoria do capitão Ladoux, creador e organizador do serviço de espionagem e contra-espionagem franceza, denominado "Le 2e bureau" durante a guerra. Homem de uma intelligencia brilhante e rara energia, soube crear, em França, um serviço ao qual se deve a victoria alliada. Mas as longas démarches burocraticas, as invejas e despeitos, e a desorganização em que se encontrava a França no inicio da guerra nem sempre lhe facilitaram a tarefa, e o inimigo, consciu disso, usando de todo o methodo e ordem, que caracterizam qualquer serviço allemão, por intrigas admiravelmente urdidas chegou ao ponto de lançal-o em um processo que ficou celebre nos annaes militares francezes. Tudo isso nos conta Ladoux, recentemente fallecido, em tres excellentes livros: Les chasseurs d'Espions (comment j'arrêté Mata-Hari), onde vemos como se organizou o serviço francez e a prisão da celebre espiã Mata-Hari; Marthe Richard (espionne au service de la France), relato minucioso da vida em Hespanha, centro da espionagem allemã, da primeira espiã franceza; L'Espionne de L'Empereur, historia da luta titanica do serviço secreto allemão, a organizadora de todo o serviço secreto allemão a celebre "Freulein-Doktor", mulher notavel pela sua sagacidade e intelligencia e que nunca os alliados puderam pegar, e finalmente, "L'Espionnage en Alsace".

Bibliotheque Psychanalytique

MARIE BONAPARTE

EDGARD POE

Estudo Psychanalytico, Com um avant-propos de SIGMUND FREUD. Obra admiravel com uma tiragem restricta. 2 vols. (16 x 25) de 450 paginas cada, illustrados de 22 planches «hors texte»: 80 Frcs. 2 vols.

Denoel et Steele
Rue Amelie
PARIS

Enorme escandalo tem causado o livro «Histoire sincère de la Nation Française», de Charles Seignobos, que contradiz muitos pontos clássicos da historia de França.

François Mauriac, famoso autor de «Nid de vipères» e outros livros de successo, que vem de publicar «Le Mystere Frontenac» o grande exito do dia, em Paris.

Essa admiravel collecção é completada pelo coronel-general Paul Ignatieff com um interessantissimo livro — Ma mission en France. Chefe do estado-maior russo, organizador do serviço de espionagem para o seu paiz, o coronel-general Ignatieff nos conta as agruras e sacrificios que lhe custaram tal organização e os meios empregados com excellentes resultados.

Esses livros, interessantes porque nos relatam as maneiras impiedosas e rudes da espionagem, ficando ainda a historia aventureira de quasi todos os espiões, instinctivamente, trazem ao nosso espirito uma enorme duvida sobre a sua utilidade. Em relatando tão minuciosamente a maneira de defesa e os meios empregados, não deu o capitão Ladoux, aos inimigos que um dia o seu paiz possa ter, a noção exacta dos meios a empregar, num paiz burocratico como a França, para derrubar toda e qualquer organização no genero? Varios jornaes commentaram isso. Comtudo, o grande successo que têm essas edições justificam a sua publicação e, apesar de tudo, os seus ensinamentos podem servir muitissimo aos paizes novos como o Brasil. E' questão de saber approveitar. — R. A.

Paris Maio 1933.

(Cont. na pag. seguinte)

RAYMON ESCHOLIER

GASCOGNE

La terre d'Henri IV, de D'Artagnan et du Cassoulet.

1 vol. sur velin 15 Frcs.

Albin Michel
22 Rue Huyghens
PARIS

MARCEL PEGNOL

FANNY

A peça de maior exito em Paris. — Famosa como «Marius» que fez a celebridade do seu auctor e da qual ella é a suite.

1 vol. ...... 12 Frcs.

Fasquelle, edts.
PARIS

NOVIDADES LITERARIAS DA EUROPA

(Conclusão)

Charles Seignobos, um dos grandes nomes da literatura historica franceza, suscita, neste momento, uma enorme polemica nos jornaes parisienses. Homem de "recherche", levando a sua curiosidade historica ao mais infimo detalhe, vem de publicar — "Histoire Sincère de la Nation Française", na qual combate acerbamente os chamados "factos tradicionaes" da historia, que, segundo elle, não representam a verdade. Realmente, a historia franceza está cheia de factos e noções a que, em prejuizo da verdade, a ficção do povo e a lenda deram caracter definitivo de verdade. Seignobos conta-nos a historia de França tal como ella se deu. Quantas coisas bonitas e quantas paginas bellas, postas abaixo!...

Quem não conhece a elegancia e o brilho que marcaram o reinado de Eduardo VII, na Inglaterra? Quando Principe de Galles ainda, encheu a chronica parisiense com as suas excentricidades e, rei, deu á sua côrte um brilho e um luxo famosos. E' a historia dessa época que Victoria Sarckwille West nos conta em "Au temps du Roi Edouard", que vem de apparecer nas edicções Grasset.

Cabanés, o famoso doutor da historia, que a morte roubou prematuramente ás letras francezas, deixou varios ineditos, que Albin Michel se propoz a publicar. "Les Condés" é um delles, que vem de apparecer em 2 bellos volumes, ornados de gravuras, e que a critica recebe admiravelmente.

BRICIO DE ABREU

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

TRUCS E ILLUSÕES

PELO PROF. ARONACK

A NOVA SECÇÃO DE "FON-FON"

No desejo sempre renovado de proporcionar aos seus leitores novidades que prendam, FON-FON apresenta, hoje, em suas paginas, uma nova secção: a de illusionismo e magia, que se destina, não apenas aos amadores e

O Prof. Aronack.

profissionaes, mas tambem a todos os que comprehendem o quanto têm de interessantes e preciosos esses pequeninos "trucs" simples que podem ser, num salão, verdadeiro motivo de encantamento.

Para dirigir a nova secção, FON-FON escolheu o prof. Aronack, nome que todo o Brasil conhece e que o Rio particularmente admira. Illusionista dos mais reputados, por diversas vezes applaudido no theatro Casino, membro de diversas academias estrangeiras, dedicado á magia por vocação e por temperamento, o prof. Aranock é, sem duvida, o nome que melhor poderia ser escolhido para firmar a nova pagina com que offerecemos aos nossos leitores elementos inéditos.

O que será a nova secção, o proprio prof. Aronack nos vae dizer linhas abaixo.

Como me têm vindo sempre na correspondencia diaria insistentes pedidos de amadores e profissionaes da curiosa arte que é a prestidigitação, occuparei sempre estas columnas, onde muitos amigos e discipulos dilectos e os milhares de leitores do FON-FON poderão acompanhar algumas das minhas lições.

Ha quasi uma duzia de annos que não tem sido offerecido ao publico amador obra alguma occupando-se da prestidigitação; e, entretanto, esta sciencia, si é permittido chamal-a d'este modo, continuou a sua marcha progressiva e todos os dias inventam-se novas experiencias ou se aperfeiçoam, as sortes já conhecidas. Por outro lado, o numero das pessôas que cultivam este innocente divertimento cresce de dia para dia, e muitas, d'entre ellas, se acham embaraçadas pelas difficuldades que encontram para tirar as maiores vantagens possiveis dos instrumentos que possuem e recuam tambem, por vezes, ante a despesa naturalmente elevada das sortes de grandes effeitos, que, além disso, sobresahem mais nos theatros do que nos salões.

A collecção das sortes de physica, calculos, prestidigitações, escamoteações, manipulações, divertida, que darei á publicidade será feita com o fim de offerecer aos amadores uma série de experiencias faceis, mas que podem ser executadas sem grandes apparelhos ou que exijam disposição especial. Todas as sortes que descreverei poderão ser apresentadas em qualquer logar, isto é, a sua mise-en-scène não exige material algum e os apparelhos que servem para executal-as são pouco numerosos, e podem ser mettidos numa bolsa facil de transportar.

AS CARTAS MAGNETIZADAS

Abrindo um leque de cartas na mão direita, podeis soltal-o depois. Elle ficará magnetizado nella e podereis virar a palma da mão para o chão, que nenhuma carta cahirá. Por fim, fareis todas ellas cahirem e mostraes não ter nada na mão e todas as cartas poderão ser examinadas.

Explicação:

Para execução desta sorte sem apparelho, basta munir-vos apenas de uma agulha fina. Introduzi-a na epiderme da palma da mão esquerda, atravessando-a com precaução até que ella tenha percorrido um meio centimetro entre a pelle e a carne.

Depois que tiver sahido a ponta da agulha, continúae a impellir até que ella fique presa pelo meio (na pelle), offerecendo assim duas partes mais ou menos iguaes, nos quaes pendurareis as primeiras cartas, que virão por sua vez para segurar as outras que ides tomando das mãos dos espectadores de uma em uma e collocando-as em torno das primeiras, formando assim uma especie de ventarolla, em cuja disposição devereis fazer

com que as duas pontas da agulha fiquem occultas.

Podereis, pois, virar a palma da mão para baixo, que as cartas parecerão estar nella magnetizadas.

Para terminardes fechae um pouco os dedos. As cartas, forçando a agulha, rebentarão a pelle e tudo cahirá no chão, podendo, portanto, mostrardes não terdes nada occulto na palma das mãos.

A ANTIGUIDADE VOLTOU A SER DESCOBERTA

A 18 de abril de 1485 começou a circular em Roma a noticia de que uns trabalhadores da Lombardia que faziam excavações na Via Apia tinham descoberto um sarcophago romano com esta inscripção gravada em marmore branco: "Julia, filha de Claudio."

Ao levantarem a tampa do sarcophago offereceu-se-lhes á vista o corpo de uma donzella de 15 ou 16 annos, cuja belleza, por motivo de não se sabem que maravilhosos unguentos ou encantos magicos, resplandecia com admiravel expressão. Com seus longos cabellos loiros espalhados sobre seus hombros muito alvos, sorria no seu sonho.

Varios romanos, enthusiasmados, levantaram, então, o leito de marmore de Julia e o conduziram para o Capitolio, onde logo acudiu enorme multidão a admirar a suave belleza da virgem romana. E ficava a maioria a contemplál-a em silencio, esquecida do tempo, porque essa admiravel figura de mulher — dizem os chronistas da época — era mil vezes mais bella que as mulheres de então.

Por fim a cidade a tal ponto se commoveu com aquelle espectaculo que o Papa Innocencio, temendo viesse a ser o cadaver sorridente de Julia objecto de um culto pagão e impio, fêl-o retirar d'alli, uma noite, mandando sepultál-o secretamente.

Mas, o povo romano nunca esqueceu a belleza antiga que tinha fascinado e deslumbrado seus olhos ávidos.

Tal foi o renascimento na Italia e em toda a Europa. A antiguidade voltou a ser descoberta; as letras e as sciencias classicas, restauradas.

Que fecunda virtude, que potencialidade de vida ha nas grandes obras da Grecia e de Roma! Emergem do pó e de subito o pensamento humano rasga o seu sudario. De ruinas espalhadas por varias partes, sepultadas durante seculos e seculos, promana uma fonte eterna de juventude e belleza...

O PERÚ ASSADO

(HISTORIETA PARA SER CONTADA EM SALÃO)

HAVIA festa no arraial de Santa Isabel: lanternas, cartazes, danças, barulho... Mulheres e creanças, calçadas, numa azafama de tarde de folia!

Festejava-se a santa padroeira da terra; esperavam-se melhores graças e beneficios do céo. As moças, nos seus vestidos novos sorriam, pensando no amado, que lhes appareceria nesse dia. Cavalleiros passavam e repassavam em seus fogósos ginetes. E velhos em roda cochichavam, a lembrar tempo que se fôra.

Só Silvino, camisa engommada, paletó melhorado, com os olhos em éxtase, lembrava o seu passado de amor. Fôra ha vinte annos, numa festa assim, que elle conhecêra Sá Gaudencia, a filha do maior rancheiro do lugar; amára-a e desde então, quando lhe queria dizer do seu amor, ficava logo tolo, pasmado, sem poder falar.

Sá Gaudencia quizéra-o tambem e a mudez de Sô Silvino lhe fazia mal. Esperava uma occasião propicia, mas fôra em vão. E o tempo passára e aquella outra festa já ia longe...

Sá Gaudencia e Sô Silvino envelheceram. Sá Gaudencia sempre esperára... Ella ainda era bonita, queria casar; appareceu-lhe um outro pretendente á sua mão.

Quando o soube, Sô Silvino criou coragem, foi á fazenda de Sá Gaudencia contar-lhe o seu amor. Viajou sete léguas e, ao chegar, ao vêl-a tão bella, tornou a emmudecer, sem que pudesse nem siquer falar.

Sá Gaudencia chorou raivosa, feito menina pequena e disse a Sô Silvino, cheia de cólera, que si, na proxima festa da padroeira, elle não lhe dissesse o que agora occultava, vêl-a-ia nos braços do outro pretendente, a buscar as bençãos definitivas do vigario.

Agora a festa da freguezia ia em meio. Sô Silvino radiante, estava certo de sua victoria; elle iria falar, emfim. Offereceu um jantar no hotel do logarejo a seus amigos, despedindo-se da vida de solteiro.

Sá Gaudencia estava no arraial. Sô Silvino tremia; faltava apenas meia hora para ouvir o sim. Na mesa em roda os amigos commentavam e um delles trinchava o perú.

Foi nesse momento critico que, oh, desastre!, o perú escapuliu do garfo e foi em cheio sobre a camisa engommada de Sô Silvino. Balburdia, gritos, pezares, confusão...

Pobre Sô Silvino! Como agora sahir do hotel e passar pela villa, onde as moças nas janellas, nos seus vestidos novos, sorriam a esperar o amado, e onde os cavalleiros passavam nos seus fogosos ginetes, e onde havia lanternas, danças, barulho?.

Meia hora depois, Sá Gaudencia, vestida de noiva, passava no braço do outro pretendente. Sô Silvino teve um grito de dôr...

Um simples incidente muda o destino de um homem. Aquelle perú assado... Qual!... Tinha de ser...

WALTER DE SEQUEIRA

VIDAS CRUZADAS

(Conclusão)

Na mesma localidade age em segredo Lynch, um detective da agencia Pinkerton, que está na pista do Wesley Burt por encargo dos seus patrões, que lhe descobriram o desfalque. Tambem vae á mesma cidade Charlie, um "speaker" do radio, que attendera aos seus encargos na irradiação dás peripecias e resultados do "Capitol Handicap".

Burt aposta em "New Hop, Ruby em "Wingway", Colly um "Sir Rapid", "Pop Lockwood descarrega todo o seu dinheiro no seu proprio cavallo "Stentheart", sem dar ouvidos aos conselhos do seu velho amigo, Toledo Jones, que ha muito abandonára o turf, mas voltou a elle na esperança de alcançar o dinheiro para pagar uma operação em sua esposa. Toledo aposta no favorito.

Pouco antes de começar a corrida, Lynch diz a Burt que, logo que ella acabe, terá que leval-o para Nova York, onde o entregará as autoridades, e Burt, agora mais fervorosamente do que nunca, supplica aos céos a victoria de "New Hop" na esperança de obter o dinheiro, repôl-o e ficar em liberdade. Mas as suas esperanças fracassam. "Wingway" vence o pareô, "Stoutheart" é o segundo, "Sir Rapid", o terceiro.

Ao finalizar a corrida, Lynch vem a saber que Winnie foi encontrada morta. As suas suspeitas recahem immediatamente sobre Ruby, a quem trata de prender sem mais demora. Ruby pucha de um revolver, mas Burt lh'o arranca das mãos, recebendo uma bala no hombro. Na luta que se segue entre Ruby e Lynch, vem aquelle a ser morto, e o detective, revistando-lhe os bolsos, descobre uma avultada somma de dinheiro e dá-a a Burt para que elle possa liquidar o seu caso com os patrões.

Sonny revela a Pop que elle não perdeu todo o seu dinheiro como pensa, pois não apostou elle no vencedor e sim no segundo collocado, "Stoutheart" que de facto obteve essa collocação.

Colly vae procurar Billings afim de lhe pagar a sua aposta, mas o "Bookmaker" insiste em affirmar que elle ganhou, ao que Colly responde annunciando ao seu antigo namorado que não mais se separará delle, pois ha muito se divorciou do seu esposo.

Sue Wells, que déra o dinheiro do marido a Sonny para apostar em "Stoutheart" para segundo, recebe do seu consorte uma chuva de sopapos quando elle descobre que, por instrucções de Sue, Sonny apostou no cavallo para vencedor.

* * *

O BEIJO DEANTE DO ESPELHO

(Conclusão)

despercebida a mudança do marido depois daquelle beijo que lhe déra daante do espelho.

No tribunal, deante do jury, Held começou a defesa do amigo. Dir-se-ia, porém, que elle, ao invés de falar para os jurados, estivesse falando para a esposa. Reconstituiu toda a historia, desde o beijo fatal, para acabar imprecando violentamente e perguntando si não seria logico e justo que um homem, assim offendido, fizesse o que Bernsdorf fizéra e o que elle mesmo fazia naquelle momento. E, tirando um revolver do bolso, apontou-o para a esposa. Maria, que, escutando a historia da mulher morta, tinha a impressão de ouvir a sua propria historia, pois que tambem ella agira de modo identico, não resistiu á tensão nervosa e desmaiou...

Bernsdor foi absolvido. E Held, que julgava ter perdido a sua felicidade, acabou ouvindo da esposa a justificativa da estranha attitude que tivéra e voltou ao lar, convencido de que o espelho o enganára e de que a sua esposa era pura.

POEMAS EM PROSA

No jardim, as rosas abrem seus calices como labios vermelhos pedindo a caricia divina dos beijos.

E' a hora em que o sol espreguiça os seus ultimos raios por sobre as montanhas longinquas.

O perfume das rosas.

A volupia das rosas...

E eu vou lendo as paginas de um livro de poesias, nessa suave tristeza de envelhecer.

Poemas em prosa...

Quanta cousa os meus versos não disseram!

Velhice.

Cabellos brancos.

As petalas das rosas estão cahindo como lagrimas.

* * *

Nas espiraes do meu cigarro, vejo o teu corpo fino de mulher.

Mulher de olhos crepusculares...

E os teus olhos me fazem recordar Sevilha com as suas tardes, os seus pandeiros e as suas castanholas.

Ha sempre uma belleza inedita na mulher que a gente nunca beijou.

* * *

Naquelle canto do quarto azul celeste, uma aranha tece vagarosamente, cheia de zelos e cheia de amôr, a teia de fios delicadas.

Rendeira caprichosa, muitos dias ella perde assim na faina de tecer.

Burila. Retoca. E' a sua vida que se esvae naquelles fios. E' a sua alma.

O vento sopra...

Trabalho perdido.

Pobre artista! Os teus poemas são como teias de aranha...

* * *

Amo as horas cheias de quietude e serenidade em que, longe da luta de todos os dias e longe dos homens, eu vivo só. Vida interior.

* * *

Pelas ruas do bairro da cidade, coberto da lepra e da vaia dos garotos, passa o mendigo. E' a poeira das ruas.

Os automoveis deslisam pelo asphalto sedoso das avenidas, ostentando luxo.

Indifferentemente, todos riem.

Os automoveis passam.

Poeira das ruas...

* * *

No jardim do sonho e da saudade, as rosas envelheceram.

Foram perdendo a belleza e a graça.

As petalas estão cahindo, uma por uma... Lagrimas das flôres.

* * *

Olha aquelle deserto. Olha aquella paizagem. Completamente triste. Nem um passaro siquer cantando nos galhos das arvores. Tudo deserto. As areias queimam como brazas. Tudo é uma grande fornalha rubra.

Nem uma flôr abre as petalas.

Olha aquelle deserto. Olha aquella paizagem.

Nem um oasis. Olha... E' a paizagem triste da minha alma de poeta.

* * *

Uma folha cahiu... Outra folha...

Mais outra...

Uma porção de folhas vae cahindo.

A arvore está chorando lagrimas verdes como esperanças...

Velhice...

* * *

Eu gosto muito desta cidade maravilhosa onde ninguem me conhece, onde ninguem sabe quem eu sou.

Vou andando pelas ruas.

Ninguem pergunta qual o meu destino.

Passo deante dos homens.

Ninguem me conhece.

Ninguem me cumprimenta...

Cidade maravilhosa!

* * *

Eu desejava compôr um poema cheio de simplicidade, porque eu tenho muita dó dos simples. Tenho pena destes que dormem nos bancos dos jardins, sob a luz das estrellas, quando existem estrellas no céo...

Eu desejava fazer um poema cheio de simplicidade contando a dôr que existe em se estirar as mãos pedindo esmola... e ver depois as mãos vazias...

* * *

Poemas em prosa... Cousas lyricas que brotam da minha alma como as aguas claras lá do alto das montanhas longinquas e mysteriosas...

PAULO FREITAS

A VIAGEM SONHADA

JORGELINA, ao chegar de visita á casa de sua amiga Dorothéa, encontra uma Dorothéa muito contente.

— Querida — diz Dorothéa, — sinto-me feliz: vou á Italia! Tu não pódes imaginar o que significa para mim essa viagem á Italia... Desde criança que me promettem. Si eu fosse bôa, si tomasse o oleo de figado de bacalhão, si passasse nos exames escolares, devia ir á Italia. No emtanto, a falta de sorte me perseguiu sempre: um anno, os negocios marcharam mal; outro, papae não poude ter férias; outro, mamãe esteve doente... E o resultado é que nunca vi a Italia sinão em sonhos.

"Quando me casei, impuz uma condição precisa a meu noivo: "Lembra-te que a nossa viagem de nupcias deve ser feita á Italia!" Elle mo jurou. Apenas, estando apaixonadissimo por mim, fizemos uma parada de oito dias no meio do caminho, em Dijón.

"Findos os oito dias — ah, como são os homens! — elle estava muito menos apaixonado por mim, e penso, imagino que era ainda em Paris que tinha maiores probabilidades de encontrar mulheres formosas. Regressámos, pois, a Paris... E depois nunca mais elle pensou em convidar-me para qualquer viagem.

"Mas, agora, estamos separados, voltei á casa de meus paes, occupo novamente meu aposento de solteira, e eis que papae me diz, como no passado: "Dorothéa, proponho-te uma viagem á Italia. Acceitas?" Si acceito!... Apenas esta vez é sério, não é verdade, papae?"

— Seriissimo, querida! — responde o senhor Limonnet, pae de Dorothéa. — Agora mesmo vou á Prefeitura de Policia solicitar os passaportes. Dá-me duas photographias tuas, Dorothéa.

E Dorothéa está tão enthusiasmada com a idéa dessa sonhada viagem á Italia, que ainda não acabou de contar a sua amiga Jorgelina todas as diversões que se propõe desfructar, quando o senhor Limonnet regressa da Prefeitura de Policia.

Mas o senhor Limonnet volta com attitude um pouco contrariada.

— Que aconteceu? ! pergunta Dorothéa.

— Um inconveniente, filhinha. Já que não és viuva nem divorciada, não te concederão o passaporte sem uma declaração escripta de teu marido autorizando-te a viajar pelo estrangeiro...

Dorothéa exclama:

— Como?!... Si desejo fazer com meus paes, com meus paes, uma viagem de quinze dias preciso da permissão desse cavalheiro que se desinteressa completamente de tudo quanto eu possa fazer?

Ah, sim!... Não foi pronunciado nenhum divorcio. Trata-se apenas de seperação. E, em bem da verdade, tambem não foi elle quem abandonou o tecto conjugal. Foi ella, que, cansada de viver com um indifferente a quem adivinhava mil vezes infiel, preferiu sahir de casa. Resultado: Dorothéa sempre sua esposa, legalmente.

Não poderá ir saborear os sorvetes de Milão, ou beber, nas faldas do Vesuvio, um copo de vinho vulcânico, si isto não agradar ao senhor Pedro Vascorre, seu marido.

— Mas, vejamos um pouco... intervém a amiga Jorgelina. Não deve ser tão difficil! No fundo, elle não te odeia, não é verdade? E então não tem motivo algum para negar-te essa autorização.

Não sei. Tudo é possivel com esse homem. Aliás, antes de deixá-lo, eu lhe disse palavras bem ferinas. Mas, por outro lado, é odioso ver-me obrigada a pedir-lhe essa permissão...

— De qualquer maneira — disse o senhor Limonnet, franzindo o cenho, — não é prudente que me encarregue do caso. Si me visse em presença desse individuo que fez soffrer indignamente minha filha, não passariam cinco minutos sem que elle corresse o risco de sentir em pleno rosto meu modo de pensar, ou meu pé nalguma outra parte...

— Pois eu não quero tornar a vêl-o! — murmurou Dorothéa.

— Mas si é necessario que o procures, que tem isso? — exclamou Jorgelina. — Pódes escrever-lhe gentilmente...

— Escrever-lhe? Não o conheces! Ouvi-o dizer cem vezes por

De André Birabeau

♣ ♣ ♣

dia: "Ah! Estou devendo varias cartas a Fulano... Ainda não respondi as cartas de Beltrano... E' muito tarde, agora, para responder a Sicrano..." E não escreve nem responde nunca a ninguem. Quem sabe quanto deveriamos esperar a chegada de sua autorização!... Não, não! E' impossivel!... Tambem esta vez não poderei ir á Italia!...

— Mas é absurdo, querida — exclama Jorgelina. — Dê-me o papel que elle deve assignar, senhor Limonnet. Eu mesma irei procurar esse cavalheiro. O caso ficará resolvido em dez minutos. E juro-te que si, para te causar um desgosto, elle se negar a firmar o documento, terá que se haver commigo. Tirarás teu passaporte, Dorothéa, eu te prometto!...

E' deliciosa Jorgelina. Está tóda exaltada. A injustiça a revolta. Tem um coração altruista. Alem disso, quando ama suas amigas, as ama de verdade. Neste momento já se vê em plena discussão com o tal senhor Pedro Vascorre, a quem não conhece: elle reclama a autorização, ri sardónicamente, é hypocrita, malévolo. Ella reclama urgencia, faz-lhe intimações, cobre-o de palavras violentas. Elle se envergonha, pede-lhe desculpa e diz-lhe: "A senhora que fez comprehender qual é meu dever..." E assigna, afinal, o documento. E Jorgelina imagina mil outros diálogos, porque, quando se tem imaginação viva e ardente, se póde crear muita coisa emquanto um *taxi* corre da casa do senhor Limonnet á residencia do senhor Vascorre...

E, naturalmente, não succede nenhuma das coisas imaginadas! O senhor Pedro Vascorre recebe a ardente Jorgelina da maneira mais gentil.

— Autorizar Dorothéa a fazer uma viagem á Italia? Pois não! A pobre moça não deve ter muitas distracções... Como vae Dorothéa?

E começam a conversar muito amistosamente...

Dorothéa espera, mas Jorgelina não volta. Dorothéa espera sua carta, mas a carta não chega. E isso se prolonga... oh!, por duas semanas... E Dorothéa tambem, não vae á Italia dessa vez!... Deve contentar-se em acompanhar á estação de Lyon seu pae e sua mãe, que resolveram ir sem ella saborear os sorvetes de Milão e beber um copo de vinho vulcânico aos pés do Vesúvio. (Já haviam comprado as passagens e não podiam perdêl-as, não é verdade? Já era bastante desagradavel o ter que perder a passagem de Dorothéa!).

Não é, pois, de surprehender si Dorothéa, completamente só e captiva em França, chorasse um pouco durante todo esse tempo.

Por fim, um dia, vê chegar Jorgelina. Esta diz:

— Perdôa-me, querida! Não sei como pôude acontecer isso, eu te juro! E seria incapaz de repetir-te o que elle me disse. Sei apenas o que senti!... Tu tambem deves sabêl-o, porque tambem estiveste apaixonada por elle... Uma loucura!... Por isso, quando elle me propoz que fossemos fazer uma viagem, não pude dizer que não... E partimos...

— Para onde?

— Para a Italia, naturalmente.

— Ah!... — dizia Dorothéa, sentindo vontade de chorar.

E apenas pôude accrescentar:

— Ao menos devias ter-me dado uma resposta sobre o passaporte...

— Como ha de ser, Dorothéa?! Permitte-me que te explique...— Responde Jorgelina. — Quando uma mulher está apaixonada... emfim, já sabes o que se dá... Não mais pensei em ti... Fiz mal, reconheço-o. Mas, para te ser franca, durante toda nossa viagem não pensei absolutamente que tu tambem desejavas viajar... Teu papel solicitando passaporte eu o encontrei esta manhã, ao regressar a Paris. Aqui o tens. Mas... está exactamente como o recebi de ti... Desculpa-me, querida: esqueci-me completamente de pedir-lhe que o assignasse! Não tive tempo de pensar nisso, comprehendes?... E, agora, já não posso... oh!, já não posso, porque o miseravel me enganou... e eu não quero mais vêl-o!...

— Mas... então?

— Então... Escuta, Dorothéa: teu marido não se oppõe em absoluto a pôr a sua assignatura no documento, eu te asseguro. Manda-o levar-lhe por outra pessôa... Mas, um conselho, si fôr mulher, procura uma bem feia... e mais prudente...

OS CRIMES DE UMA RELIGIOSA

(SHERLOCK HOLMES (POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

Os seus cabellos castanhos cahiam em redor da fina cabeça em tranças fartas e macias, e os olhos brilhantes e escuros, diziam bem com o rosto quasi moreno, com o nariz curto e estreito e com a não muito pequena mas bem talhada bocca.

O seu olhar e movimentos denunciavam uma vivacidade e sinceridade especiaes, devia ser estraordinariamente sensata; aquella bocca fresca nunca tinha proferido uma mentira.

— Elise, disse Gerald, se queres saber o caso mais a miudo dirige-te ao sr. Sherlock, o celebre policia, que está em nossa casa, provavelmente para procurar vestigios e indicios de um crime.

Sem o menor ruido eclypsou-se o policia e metteu-se no seu quarto, do qual sahiu como por acaso, quando Elise passava pela porta.

Gerald apresentou-lh'o e o olhar da donzella procurou o do policia.

— Eu desejava falar-lhe sr. Holmes. Tem tempo para me attender.

— Tanto quanto queira minha senhora. Queira ter a bondade de entrar. Aqui estamos mais á vontade e ninguem nos estorvará.

Elise entrou no quarto de Holmes e sentou-se numa cadeira.

— Eu desejava... começou ella.

— Não acredita nos desastres desta casa, lady Elise, e deseja ouvir o que eu penso a esse respeito? interrompeu o policia.

— Sim! disse ella admirada. E como sabe isso?

O policia sorria. Como a humanidade se admir[a] com coisas simples!

— Tem talvez razão minha senhora, replicou ell[e] com evasiva. Eu estou igualmente convencido qu[e] tudo isto occulta uma intenção criminosa. Simples[-] mente o fim da questão não está muito claro. Por que roubarão ao pobre fidalgo todos os filhos?!

— Porque ha quem queria casar com elle e ser [a] unica herdeira, exclamou Elise com o olhar che[io] de colera.

— Ah! a menina tem uma suspeita?! Pensa em... na...

— A irmã de caridade! Sim, diga-o francamente sr. Holmes! Eu odeio-a desde que a vi no hospita[l] á cabeceira do meu pobre primo.

— Isso surprehende-me! Justamente ahi mostrou-s[e] ella tão exemplar. E depois a menina esquece-se qu[e] já nesse tempo se tinha dado a primeira desgraç[a]. Com certeza a irmã ainda não manobrava quando [o] primo apanhou o envenenamento de sangue.

— Não, não no principio. O infeliz acaso pode te[r] sido o iniciador destas desgraças; mas depois, qua[n]do elle estava doente, o pobre rapaz, talvez amad[u]recesse nella o novo plano. Talvez eu seja injusta, não tenho provas contra ella, somente o meu sen[ti]-o meu instincto é que me levam a esta accusaç[ão], que o senhor certamente não vae contar a ella. M[as] diga-me, o que é que o senhor pensa a esse respeit[o]?

— Eu nunca tnho uma opinião formada sem t[er] primeiro um fio conductor na mão. Esse ainda m[e] falta; mas é muito possivel que eu ainda hoje [o] encontre. Entretanto a senhora ser-me de gra[nde]

G U I O M A R

Hei de esquecer-te, amor, no horror desta agonia,
em que se esgotará minha alma tresloucada!
Esquecerei, então, a linda fantasia
desse sonho de luz, dessa ambição sonhada.

Hei de esquecer-te, sim. E, que tu, nesse dia,
desejes escutar a minha voz magoada...
Será tarde, porém, pois minha bôca fria
não sentirá teu beijo e não dirá mais nada.

Pelas sombras da noite, em horas silenciosas
rolará meu penar, meus poemas de saudade,
meus gritos de agonia, em lagrimas copiosas.

Assim, te olvidarei! E tu, perdida e louca,
has de gemer em vão, por toda eternidade,
pedindo um beijo meu para aquecer-te a bôca!

BÉRANGER FRANÇA

---

utilidade se o quizer prezada lady. Observe a dia-conisa. Eu ainda não percebi que ella lance a sua rede ao fidalgo, e tambem agora não era occasião azada para isso, porque elle está como doido com o que lhe succede.

— Bom, eu vigiarei; quando o torno a ver senhor Holmes?

— A' tarde. Agora tenho que fazer na aldeia. Foi a resposta.

O grande criminalista deixou o castello, tendo-se previamente disfarçado, atravessou o parque e desceu para a aldeia, mas por um caminho que parecia em direcção opposta para cortar na verdadeira direcção quando já estava fóra das vistas do castello.

Assim atravessou a aldeia onde a essa hora todos se entregavam ás suas occupações.

Encaminhou seus passos para a morada de um carpinteiro e entrou na officina do sr. Tribold.

Um homem baixo e já velhote estava ao banco de carpinteiro e trabalhava deligentemente.

Quando viu o recemchegado forasteiro avançou e perguntou-lhe cortezmente o que desejava.

— Desejo mandar fazer um supporte para espingardas, começou por dizer Sherlock.

— Sim? Então o sr. vem enganado porque isso é trabalho de marceneiro e eu sou carpinteiro.

— Eu pensava que na aldeia não eram tão escrupulosos. Mas o sr. está ahi a trabalhar num objecto, que se não engano é uma perna de uma cadeira não é verdade? De resto parece-me que está muito perfeita.

O homem fitou Sherlock com um olhar lisonjeado.

— E' com effeito uma cadeira mas para meu proprio uso. A minha especialidade são trabalhos de carpintaria para carros, arados, etc.

— Vejo, disse Sherlock, que o senhor não faz nada do que eu preciso. Não tem duvida sr. Tribold. Alem disso eu estou aqui apenas de passagem. E ando á procura de um bom e diligente operario que queira ir para Londres.

— Sim? para Londres?... eu gostaria muito de ir para Londres. Não se póde viver eternamente na aldeia.

— Mas o sr. já não é muito novo para fazer uma mudança de habitos.

— Ah! eu pareço mais velho do que sou. Com quarenta annos não me posso considerar velho.

— Ora essa! Então o senhor gostava de se mudar para a cidade? Mas tinha de ser muito bravo. E com certeza que o senhor não se separaria assim de repente da sua casa e de seus haveres?

— Eu não tenho casa nem haveres, moro aqui de aluguel e não sou destes sitios.

Sherlock pensou que este homem acceitava com extrema facilidade uma mudança tão importante. Teria elle motivo para abandonar Elport?! Elle quiz porem tomar-lhe mais o pulso.

— Não levo a mal a ninguem, disse Holmes, por querer abandonar estes sitios. Tenho ouvido ruins historias a respeito destes dominios. E' como se tivesse cahido a maldição sobre Elport!

"Quem sabe, se a desgraça que persegue esta familia não se estenderá tambem á aldeia.

Tribold teve um arrepio. Se o policia contasse com a superstição delle, não teria reconhecido que o golpe fôra bem dirigido.

— Imagine o senhor, continuou Holmes, que me contaram que Elport julga que seu filho foi assassinado!

— Isso não foi! disse precipitadamente Tribold. Mas immediatamente mordeu os labios e murmurou:

— Isto é a minha opinião, sabe-se que o moço El

(Continúa na pag. seguinte)

port tinha uma vida um tanto selvagem. Talvez por causa disso elle tenha mettido uma bala nos miolos.

Holmes sentou-se num banco tirou o seu cachimbo e offereceu tambem do seu tabaco ao carpinteiro.

— Tome lá tabaco meu amigo, olhe que é bom, deu-m'o em Londres um sujeito que é o meu e talvez o seu futuro patrão. E emquanto fumamos façamos nós conhecimento mais de perto... não o deve prejudicar nada que eu me faça o seu bom intercessor.

Tribold, a quem manifestamente muito agradava o sahir da aldeia, approvou com um aceno de cabeça e encheu o seu cchimbo com o tabaco do policia.

— Conte-me então alguma coisa, disse o policia em tom affavel. Segundo parece o senhor sabe alguma coisa mais dessa illustre familia. O joven sr. Frederico era então um homem leviano?

— Oh! certamente, elle andava sempre á caça de saias! disse Tribold por entre dentes. Ha mais de um rapaz na nossa aldeia que lhe prophetisara uma lição mestra, e cada um queria para si a gloria de lhe dar uma boa ensaboadella.

— Ah! Elle perseguia as namoradas dos rapazes? Tinha elle sorte com as mulheres?

— Lá isso tinha, com os demonios! Eu não tenho nada com isso! Pode perguntar em toda a aldeia. Eu nunca fui mulherengo nem nunca o serei.

— Mas o que o senhor me conta deixa antever que algum inimigo do joven fidalgo o matou a tiro.

— Não creio isso, respondeu de novo o carpinteiro. Elle suicidou-se... ou tambem pode ter sido um desastre.

— Oh! não, disse Sherlock Holmes pausadamente, o senhor parece ignorar que na espingarda do joven fidalgo estava ainda o cartucho embalado, quando o encontraram morto.

Tribold não respondeu, mas ao seu visitante pareceu-lhe que elle mudara de côr. Logo a seguir, porem o homem disse com todo o sangue frio:

— Não lhe parece que um assassino seria, pelo menos, prudente bastante tirando um cartucho da arma do fidalgo, depois de ter praticado o crime. Não se comprehende facilmente que elle não preparasse as

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DA CAPITAL E ESTADOS.

O'DE A' IGNORANCIA

DE ARY KERNER

Como é bom não saber nada!
Vêr a vida com a sã simplicidade
Do ingenuo pastor...
Vaguear pelo mundo como a borboleta
Que vôa pelo céu, sempre contente,
Em busca de uma flôr...

Como é bom não saber!
Ignorar as leis
Que a humanidade regem,
Os problemas do ser e do destino;
O delirante turbilhão dos povos...
Não ter a sêde ardente de encontrar
Mil horizontes novos!

Como é bom ter na fé o bem supremo!
No angustioso instante de partir
Crer em Deus... nesse Deus das creancinhas
Sem o receio atroz de se extinguir!

coisas de maneira a fazer julgar pelas apparencias que o fidalgo se suicidara?

Sherlock Holmes admirou-se da perspicacia deste homem tão simples. Se era elle o criminoso, não podia com mais habilidade desviar da sua pessoa as apparencias de culpa neste crime.

— Mais deixemos esses distinctos fidalgos, disse elle pausadamente que temos nós com elles?! Diga-me o sr. Tribold se me pode apresentar attestados da sua competencia e actividade profissional. Como não posso ver já nenhum trabalho seu, preciso por isso apresentar ao meu patrão qualquer coisa que o recommende ao senhor.

— O senhor agrada-me, e digo com franqueza que nós precisamos gente intelligente; ainda mesmo que não tenha produzido nenhuma obra-prima agrada-me.

Tribold foi a um canto da sua officina onde havia um antigo armario com entalhes.

— Este armario, disse elle, em quanto procurava e tirava uma chave toda cheia de ornatos, encontrei-o eu aqui. Era uma herança de familia do antigo carpinteiro de Elport que morreu aqui ha dois annos.

Remexeu por alguns momentos no armario, cahindo-lhe nessa occasião um papel que se deu pressa em apanhar. Em seguida veiu com um rolo de papel para junto do seu hospede.

— Aqui estão os meus attestados, senhor. Por elles poderá ver que eu já tenho trabalhado em casa de muitos e bons mestres, e que não tinha precisão de me encafuar cá na aldeia, se não fosse...

Nesta altura Tribold interrompeu-se a si proprio e comprimiu violentamente os beiços.

Sherlock Holmes fez de conta que o não tinha ouvido e folheava os papeis que estavam em boa ordem.

— Eu preciso revistar este armario emquanto o homem estiver ausente. De qualquer maneira tenho de o conseguir, e ha de ser já amanhã. Elle é-me muito suspeito e desconfio que me encontro no verdadeiro caminho.

O que dera motivo a esta idéa do policia fôra o bocado de papel que momentos antes cahira do armario e que Tribold apanhara tão precipitadamente.

Por muito pouco tempo que esse pedaço de papel estivesse no chão, o certo é que... Sherlock Holmes descobriu nelle uma calligraphia muito sua conhecida.

E essa era simplesmente a calligraphia da formosa Ethel, a irmã de caridade.

Como é bom escutar o doce canto
Dos passarinhos nas manhãs de sol!
Conhecer a ventura pelos campos,
Contemplando a belleza do arrebol...

E sonhar possuir uma cabana,
Um pomar, um jardim, um tinhorão!
Na delicia de um lar abençoado
Concentrar toda a ambição!

Oh! Como é triste a vida que se forma
Integrada na civilização!
Ansiando a verdade, eternamente,
Nos constantes disturbios da razão!

Humanidade! Mundo que prosegues
Através da sciencia e da philosophia!
Na marcha triumphal do teu progresso,
Deixaste o coração atraz... em agonia!

(Do livro "*Philosophando*"...)

CAPITULO V

ETHEL A GRANDE DAMA DA MODA

— Se m'o permitte, mylord, dizia a irmã Ethel esta tarde a lord Elport, precisava ir hoje por algumas horas á cidade.

Tenho umas coisas a tratar com urgencia e preciso ir á casa de saude para pedir novamente licença, caso seja preciso ficar aqui mais tempo.

O lord desviou a vista do retrato que tinha entre mãos descarnadas e nervosas e respondeu como doido:

— Que diz, querida filha? Queria ir á cidade? Em plena liberdade... o que me diz a esse retrato? Encontrei-o na secretaria do meu pobre Frederico, quando, ha pouco, eu e Gerald a revistamos.

O que o lord tinha na mão era o mesmo retrato ou outra, era o retrato da mesma pessoa que Sherlock Holmes encontrara no casaco do morto.

Neste, porem, não estava a rapariga sosinha, mas a seu lado, com um braço apoiado ao hombro della, estava o proprio sir Frederico.

A irmã Mary entregou a photographia ao ancião e disse a meia voz:

— Eu sabia que sir Frederico era um... grande amigo de mulheres. Parece-me que com este retrato ainda se pode descobrir muita coisa se por elle se fizerem algumas pesquizas. Não conheço essa rapariga.

— Pois eu tambem não a conheço, accrescentou o lord. Mas o que nelle mais me interessa é ter sido tirado em Manchester! E faz hoje justamente tres semanas que elle foi tirado! Ora por esse tempo não estava Frederico em Manchester!

— Oh! mylord! Então como podia essa photographia ter sido tirada? disse a irmã, meneando a cabeça.

— Ha possibilidades para o caso. Podia ter estado lá um photographo-viajante, que apenas tirasse as photographias em viagem, e que tendo em Manchester o seu atelier, as mandasse de lá concluidas.

— Nesse caso não havia nada de extraordinario, não é assim?

— Extraordinario é para mim que Frederico se pusesse numa posição tão terna com uma rapariga que é completamente desconhecida.

"Elle nunca esquecia a sua origem. Mas esta rapariga traz o trajo de uma rapariga aldeã! Os meus creados não a conhecem.

"Mandei tirar informações pelo meu mordomo.

Ethel tinha seguido a conversação com intima mas bem dissimulada impaciencia. Puxou pelo seu relogio de prata e disse:

— Mylord, noutra occasião me contará isso. Receio que a superiora me ralhe por demorar.

— Oh! desculpe-me o tel-a retido tanto tempo. Vá no meu automovel, irmã. Elle já estava á porta, porque o meu filho ia sahir. Porém elle fica aqui e a irmã pode aproveital-o.

A irmã sahiu apressadamente e entrou no automovel, que era guiado por um chauffeur junto do qual estava sentado um creado de libré.

Do interior do vehiculo não se podia ver estes dois personagens, e apenas se podia communicar com elles por meio de um tubo acustico.

A irmã ignorava pois que o creado que ia na almofada era o proprio Sherlock Holmes, que se dirigia tambem para a cidade, afim de espreitar o que alli ia fazer a linda Ethel.

— Para o hospital de S. João, dissera ao chauffeur, ao subir para o automovel.

Mas logo que chegaram á cidade e o auto tomava aquella direcção, servira-se ella de repente do porta voz.

Ao ouvido de Sherlock Holmes chegou a sua voz melodiosa:

— E' melhor primeiro eu ir tratar dumas pequenas compras. Chauffeur, vamos para Regent-street, pare á esquina do circo... eu apeio-me ahi, e digo-lhe onde desejo de novo tomar o auto.

— Com a breca! pensou o policia, isto é que se chama apparentar de grande dama. Parece até' que

(*Continúa na pag. seguinte*)

tem automovel seu e que está habituada a dar ordens aos seus lacaios. O que terá a irmã da caridade que fazer na Regent-street?

Resolveu não a perder de vista nem um minuto siquer, e conseguiu, depois della abandonar o vehiculo, seguil-a e entrar atraz della na casa, deante da qual o automovel não parara, mas onde ella desapparecêu aos olhos delle.

Era uma casa alta e estreita com muitos estabelecimentos nos baixos e poucas habitações nos andares superiores.

Parou no primeiro andar e bateu a uma porta sobre a qual se lia: "Emmy Falston. Modista".

Bem, pensou o policia. Estas especies de modistas conhecemos nós; quasi sempre são uma coisa muito differente do que parecem. Então, tenho de esperar que ella saia, e mais tarde é provavel que faça uma visita a esta Emmy Falston.

Começou a passear defronte da casa, sem perder a porta de vista. O capote e chapéo de libré tinha elle deixado junto do chauffeur e com o seu fato não era facilmente reconhecido.

Passou-se tanto tempo sem que a irmã Ethel sahisse, que o policia já começava a recear que ella se tivesse sumido por outra porta.

E não se enganava.

A irmã Ethel acaba de deixar a casa, não por outra porta da rua, mas sim por um dos muitos armazens, para os quaes se podia entrar pelo pateo.

Quando Sherlock Holmes descobriu isto, escapou-se-lhe uma praga dos labios.

— Malditas sejam as mulheres. Ella com certeza percebeu que eu a observava e escapou-se-me de proposito. Mas eu não perderei de vista a tal modista Emmy... Com mil demonios! O que é isto?!

Acabava de ver uma dama admiravelmente bem vestida abandonar a casa e subir para um automovel que estacionava á porta.

Esta elegante dama da moda não era outra sinão a irmã Ethel.

Num abrir e fechar de olhos estava Sherlock Holmes novamente sentado ao lado do chauffeur do automovel de Elport e exclamava:

— Vamos, siga aquelle automovel verde que alli vae.

Atravessaram a City e depois um logar dos suburbios, no meio do qual parou o automovel de Ethel deante de uma pequena "villa" apeando-se a irmã.

Sherlock sorriu intimamente.

— Eu bem o tinha imaginado! A irmã de caridade está então em relações com um dos nossos folgazões de peor nota.

Nesta "villa" morava o senhor William, sujeito de muito boa familia, e que sem ter fortuna vivia com um grande luxo.

Sherlock sabia que Harold William era um jogador e aventureiro grande amigo de mulheres, um daquelles "irresistiveis", que com o favor do bello sexo se elevam cada vez mais, ainda mesmo quando são já muito conhecidos como meliantes.

E era em casa delle que a linda Ethel tinha entrado!

— Seja como fôr, pensou o policia, preciso ouvir a conversa destes dois personagens.

Tinha-se já apeado e dissera ao chauffeur que fosse esperar á esquina da Regent-street, onde a irmã se apeara. Evidentemente ella esquecera se de dar novas ordens e póde querer vir aqui procurar o automovel de lord Elport.

Com o aspecto de um simples homem de negocios tocou Sherlock Holmes a porta da "villa" e disse ao creado que veiu abrir.

— Eu sou o mestre oleiro que venho por causa de uns concertos e preciso examinar as chaminés. Por onde devo entrar?

O creado pensou que elle vinha da parte do proprietario (pois que William era um simples inquilino) e conduziu-o sem desconfiança, pela escada acima.

— Penso que se trata da chaminé no quarto dos hospedes. E' a unica que não é aquecida.

— E' a que fica por cima do quarto do sr. William, replicou Sherlock.

— E' essa mesma. E' este o quarto. Faça favor de examinar. E quando acabar tenha a bondade de me dizer lá em baixo quando por ventura veem officiaes para o concerto que é para eu estar prevenido.

O policia despiu o casaco, o que lhe deu ainda mais o aspecto de um operario e entrou de gatas na espaçosa chaminé.

O creado sahiu e o nosso espia ficou só.

A chaminé por onde elle entrara era a unica que não estava aquecida em toda a "villa" e estava realmente em communicação com o quarto inferior.

Assim poude Sherlock Holmes pelo menos distinguir uma voz feminina muito sua conhecida e uma voz masculina que conversavam em baixo. Mas as palavras é que elle não percebia.

Sahiu novamente da chaminé e espreitou pela janella.

Junto della passava o cano de zinco que dava sahida ás aguas da chuva, cano que chegava até ao solo.

— Famoso, pensou elle. Aqui em cima não posso ouvir muito, mas provavelmente lá em baixo posso ver mais.

Rapido, e sem o menor ruido, trepou ao peitoril da janella e deixou-se escorregar lentamente pelo cano de zinco. Foi curto o caminho, porque a casa era baixa, e eil-o defronte da larga janella do quarto.

De mansinho e cautelosamente espreitou Sherlock Holmes para dentro.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000
PARA O ESTRANGEIRO
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactores-chefes: [illegible]
Gustavo Barroso e Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23 Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500